

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas
semânticas de um morfema presente**

Cascavel - PR

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas
semânticas de um morfema presente**

Cascavel - PR

2009

LUIZANE SCHNEIDER

**Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas
semânticas de um morfema presente**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. **Linha de Pesquisa:** Processos Lexicais, Retóricos e Argumentativos.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra

Cascavel – PR

2009

**Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas
semânticas de um morfema presente**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 24 de março de 2009.

Prof.a. Dra. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Coordenadora

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Prof.^a. Dr.^a. Margarida Maria de Paula Basilio (PUC - RJ)
Membro Efetivo (convidado)

Prof.^a. Dr.^a. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)
Membro Suplente Externo

Prof.^a. Dr.^a. Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)
Membro Suplente Interno

Prof. Dr. Jorge Bidarra (UNIOESTE)
Orientador
Membro Efetivo

Cascavel, 24 de março de 2009.

Dedico este trabalho a meu professor de graduação, Valdir do Nascimento Flores, por todas as inquietações lançadas naquele período. Certamente foram elas que me conduziram até aqui.

Dedico também aos meus pais: Luiz Ervino Schneider e Maria Santina Schneider (*in memoriam*) que de perto ou longe sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Jorge Bidarra por todos os desafios lançados bem como pelo profissionalismo, atenção e crescimento a mim proporcionados durante todo este período.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Aparecida Feola Sella pelas importantes sugestões durante a Banca de Qualificação e, especialmente, pelo aprendizado proporcionado durante as disciplinas.

À Prof^a. Dr^a. Lourdes Kaminski Alves pelas valiosas contribuições dadas durante a Banca de Qualificação e pela maneira gentil e eficaz com que pronunciou suas considerações.

Ao doutorando Bruno Maroneze, pelas valiosas críticas e sugestões dadas ao trabalho.

Aos meus queridos colegas de trabalho, pelo incentivo e pelas palavras carinhosas.

E a todos os amigos e professores que contribuíram de forma importante para a realização deste trabalho.

**Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.**

**Põe quanto és
No mínimo que fazes.**

**Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.**

Ricardo Reis
(heterônimo de Fernando Pessoa)

RESUMO

SCHNEIDER, Luizane. **Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas semânticas de um morfema presente**. 2009. 101 páginas. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra.

Defesa: 24 de março de 2009.

Este trabalho investiga os valores semânticos do prefixo *des-* enquanto elemento morfológico utilizado na formação de palavras, destacando-se tanto em formações nominais quanto verbais. Focaliza a questão da produtividade lexical a partir de uma perspectiva polissêmica. Desse modo, analisam-se o tratamento dado ao prefixo pelas gramáticas tradicionais para os casos de derivação, bem como a visão da Linguística acerca desses processos. Para tanto, discute-se a noção de produtividade lexical nos processos de formação de palavras, incorporando-se, assim, os conceitos de polissemia e homonímia. Também se insere neste estudo uma discussão sobre a lei da irradiação, os neologismos e um breve debate acerca do material utilizado para análise. A partir das questões teóricas suscitadas, procede-se à análise da relação produtividade lexical / polissemia no processo de adição do prefixo *des-* às bases de palavras. Os resultados da análise, baseados em um *corpus* de língua escrita revelam e reafirmam não apenas o caráter polissêmico do prefixo *des-*, mas também a sua produtividade lexical. As análises são pautadas em vários elementos da linguagem, estabelecendo-se assim a acepção semântica comportada pelo morfema em voga. Consideram-se, neste estudo, uma discussão sobre os significados da base, o significado que o prefixo *des-* empresta à base com a qual se coliga e o ambiente de ocorrência da palavra prefixada.

Palavras-chave: Morfologia, prefixação, polissemia e produtividade lexical.

ABSTRACT

SCHNEIDER, Luizane. **Polissemia e produtividade lexical do prefixo *des-*: as múltiplas facetas semânticas de um morfema presente**. 101 páginas. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra.
Defesa: 24 de março de 2009.

This study investigates the semantic values of the prefix *des-*, as a morphological element employed in word-formation, in both noun and verb formations. It focuses the question of lexical productivity in a polysemous perspective. As such, we analyze the treatment given to this prefix in traditional grammars as well as in scientific linguistic studies. We discuss the notion of lexical productivity in word-formation processes, incorporating the concepts of polysemy and homonymy. We also discuss in this study the irradiation law, neologism and brief considerations on the corpus employed in the analysis. Departing from these theoretical questions, we proceed to the analysis of the relation between lexical productivity and polysemy in the process of addition of the prefix *des-* to the word bases. The results of this analysis, based in one written corpus, reveal and reaffirm not only the polysemous character of the prefix *des-*, but also its lexical productivity. We consider a discussion on the meanings of the bases, the meanings that the prefix *des-* gives to the base to which it joins and the environment of the prefixed word.

Key-words: Morphology, prefixation, polysemy and lexical productivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DOS PREFIXOS	15
1.1 A tradição gramatical no tratamento dos prefixos	15
1.2 A visão da linguística acerca dos processos prefixais	19
1.3 O prefixo <i>des-</i> na visão tradicional (gramáticas e dicionários) e dos estudos linguísticos	23
1.4 Resumo	32
CAPÍTULO II – A POLISSEMIA NO ENTENDIMENTO DA PRODUTIVIDADE LEXICAL	33
2.1. A noção de produtividade lexical nos processos de formação de palavras ...	33
2.2 Polissemia versus homonímia	37
2.2.1 A lei da irradiação semântica.....	45
2.3 Variabilidade lexical, cultura e neologismos.....	47
2.4 Entendendo o material de análise: o artigo jornalístico: o Observatório da Imprensa.....	51
2.5 Resumo	53
CAPÍTULO III – AS MÚLTIPLAS FACETAS SEMÂNTICAS DO PREFIXO <i>DES-</i>	53
3.1. Negatividade	57
3.2. Positividade.....	60
3.3. Ação contrária	64
3.4. Aumento, intensidade	66
3.5. Separação.....	69
3.6. Transformação.....	70

3.7. Falta de harmonia	71
3.8 Presença de neologismos.....	73
3.9 Resumo	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXO I – TEORES SEMÂNTICOS DO PREFIXO <i>DES-</i> POR CATEGORIA LEXICAL.....	85

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a questão da produtividade lexical do prefixo *des-* a partir de uma perspectiva semântica, pautada no aspecto polissêmico dos processos de formação de palavras. Os objetivos específicos, no entanto, são verificar quais os valores semânticos admitidos pelo prefixo *des-*, de uma maneira geral, bem como verificar as transformações semânticas que o morfema impõe sobre as palavras com as quais pode ser combinado.

A partir do mapeamento de algumas Gramáticas Tradicionais, pôde-se constatar o reconhecimento de várias acepções do prefixo *des-*, embora não haja uma definição precisa desses valores. Na maioria das obras estudadas, o significado do morfema emerge de forma dissociada de seu contexto de ocorrência, ou seja, assume-se um valor semântico sem considerar o ambiente em que a palavra possa estar.

A pesquisa que se desenvolve toma por base esses pontos desencadeadores e se apoia nos pressupostos teóricos de Basilio (1980, 1991, 1999 e 2004), Ullmann (1964), Lyons (1977 e 1979), Sandmann (1993), Aronoff (1976) e Dubois (2006). Neste momento, salienta-se que esta investigação necessita de outros suportes teóricos não só de base morfológica, mas principalmente no aporte semântico, mais especificamente no que se refere à polissemia e à homonímia, uma vez que explicar o fenômeno da produtividade lexical implica adentrar em questões teóricas da ciência do significado. Também é importante especificar que a noção de produtividade lexical incorporada neste estudo é pautada nos estudos de Basilio (1980, 1991, 1999 e 2004), Bauer (1992) e Alves (2003). Já o conceito de polissemia e homonímia é entendido a partir de Ullmann (1964), Lyons (1977, 1979), Tamba-

Mècz (2006), Dubois (2006), Cançado (2005) e Camara Jr (1977). A morfologia, além dos aspectos teóricos de Basilio, é entendida a partir dos estudos de Rocha (1998) e Sandmann (1993). Em relação às gramáticas analisadas, citam-se Coutinho (1976), Sacconi (1984), Cunha (1985), Cegalla (1878), Bechara (s/d) e Cunha & Cintra (2007). Fez-se um levantamento dos valores semânticos atribuídos ao prefixo *des-* a fim de que se possam considerar esses teores e propor uma nova sistematização de possibilidades semânticas para o morfema pesquisado.

A partir de uma perspectiva polissêmica, esta investigação parte do fato de que uma boa parte das Gramáticas Tradicionais não dá conta da maioria das acepções semânticas que o morfema em análise é capaz de gerar no interior da Língua Portuguesa, mas, principalmente, do fato de as gramáticas não considerarem o ambiente de ocorrência do morfema em relação à palavra com a qual se adjunge. Devido a essa constatação, objetivam-se sistematizar os valores semânticos gerados pelo prefixo ao se coligar às palavras no intuito de abordar os teores já existentes, bem como incorporar novas acepções, que porventura não tenham sido sistematizadas pelas Gramáticas Tradicionais.

Para capturar esses eixos significativos do prefixo *des-*, analisa-se o jornal *online Observatório da Imprensa*. Coletou-se uma quantidade considerável de recortes linguísticos em que o morfema se revela detentor de diferentes acepções. Dentre as possibilidades de textos, optou-se pelo jornal (*on-line*) *Observatório da Imprensa* com o objetivo de analisar a língua no seu atual estágio, ou seja, a partir de um viés sincrônico¹. Os textos selecionados apresentam uma espécie de debate em relação aos assuntos que são propagados pela mídia ou às posições/attitudes dos profissionais da área jornalística.

¹ Termo utilizado por Saussure no livro *Curso de Linguística Geral* (1969).

Em relação ao *des-*, alguns teóricos o consideram um dos prefixos mais populares² e produtivos do português, podendo ser encontrado tanto em textos literários quanto jornalísticos ou ainda no dia-a-dia do falante. Optou-se por textos escritos pela credibilidade com que essa manifestação da língua desencadeia nos processos de investigação linguística. Neste momento, considera-se a distinção entre língua escrita e falada, pois a língua escrita apresenta um caráter de planejamento bem maior do que se percebe na língua falada e desse modo, é produzida de maneira mais cautelosa e formal. Esse fator foi fundamental na escolha do material de análise, pois se buscou justamente um *corpus* mais formal. Embora a língua falada tenha importância significativa nas pesquisas linguísticas, nesta análise não será considerada.

Embora o fator quantidade (Alves, 2003) seja importante no estabelecimento da produtividade lexical, bem como as formações neológicas (Bauer, 1992), para esta pesquisa, no entanto, considera-se produtivo o morfema a partir de uma perspectiva polissêmica. Desse modo, a hipótese desta investigação dá conta de que o prefixo *des-* é altamente produtivo pelo fato de ser polissêmico ao se adjungir a base das palavras. Isto quer dizer que dentre as possibilidades de entendimento para o fenômeno da produtividade lexical, adota-se o viés semântico como foco de interpretação para a produtividade lexical.

Para efeitos de organização do trabalho, após o capítulo introdutório, procede-se à análise das diversas abordagens dadas aos processos de formação de palavras, com destaque, à questão da derivação prefixal. Percorrem-se as prescrições das Gramáticas Tradicionais e da teoria linguística ao se propor uma discussão acerca da difícil delimitação entre prefixação e composição. Com o

² Entende-se aqui por “popular” o fato de ser amplamente utilizado pelos falantes.

objetivo de situar o morfema pesquisado, incorpora-se, nesse capítulo, uma noção de como o prefixo *des-* é tratado tanto na visão tradicional quanto linguística.

No capítulo 2, trata-se do fenômeno da polissemia e da noção de produtividade lexical. Examinam-se a oposição polissemia/homonímia e suas dificuldades em estabelecer as fronteiras entre esses dois tipos de ambiguidade lexical. Propõe-se discutir essa questão, pois ela se encontra infiltrada na relação entre caráter polissêmico e produtividade lexical. Menciona-se brevemente, nesse capítulo, a questão dos neologismos, pois nas investigações foram encontradas formações neológicas, evidenciando, assim, a grande possibilidade de renovação vocabular que esse elemento evoca na língua. Por fim, discute-se teoricamente o material de análise a fim de compreender a origem do *corpus*, uma vez que o material analisado é de extrema importância no estabelecimento dos padrões semânticos admitidos pelo prefixo *des-*.

No terceiro capítulo, apresenta-se uma proposta de análise dos teores semânticos do prefixo *des-*, em sete grupos de acepções semânticas, elaborados a partir do *corpus* investigado, tendo em vista a conexão entre produtividade lexical e polissemia. Deve-se notar que essas acepções são evidenciadas a partir do **contexto de ocorrência**, e não de forma isolada da palavra prefixada pelo morfema *des-*. Cabe ressaltar que as descrições relatadas nesta pesquisa refletem considerações ainda iniciais e se pautam em um *corpus* restrito; justamente devido à limitação do tempo, não se pôde depurar mais considerações em uma quantidade maior de *corpora* (inclusive deixou-se de lado a língua falada). Desse modo, elas não devem ser tomadas como definitivas.

Nas considerações finais, procura-se responder às questões levantadas nos objetivos gerais e específicos, bem como apresentar conclusões depreendidas a partir da pesquisa realizada.

Posto isso, busca-se apresentar uma análise atualizada dos teores semânticos impressos pelo prefixo *des-* de maneira que possibilite contribuir com os estudos realizados acerca da produtividade lexical, de forma geral e, em específico, da polissemia apresentada pelo morfema investigado ao longo desta pesquisa.

CAPÍTULO I – PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DOS PREFIXOS

Este capítulo apresenta uma revisão do tratamento dado aos prefixos a partir de uma perspectiva da tradição gramatical, bem como da teoria linguística dedicada ao estudo da morfologia em geral. De início, abordam-se autores consagrados de gramáticas normativas, como Said Ali (1971), Cegalla (1978), Bechara (s/d), Sacconi (1984) e Cunha & Cintra (2007). Em seguida, discutem-se algumas referências que tratam da questão prefixal a partir de uma visão mais voltada à teoria linguística: citam-se Cabral (1974), Sandmann (1992), Rocha (1998), Laroca (2003) e Basilio (2004).

Apresenta-se, também, um apanhado geral do que os dicionários, gramáticas e, principalmente, as investigações linguísticas apresentam sobre o prefixo *des-*, com o intuito de verificar o que se tem desenvolvido acerca do morfema estudado.

1.1 A TRADIÇÃO GRAMATICAL NO TRATAMENTO DOS PREFIXOS

Os processos de formação de palavras são os mecanismos linguísticos mais eficazes presentes na renovação do léxico, pois é por meio deles que a língua opera de maneira eficiente para o surgimento de novos itens lexicais. Desse modo, o léxico deve se expandir conforme as necessidades de comunicação, e é justamente a partir dos processos de formação de palavras que a língua consegue atingir tamanha eficiência. Conforme assegura Basilio (2007), os padrões de formação de palavras otimizam a expansão lexical e são essenciais para a eficiência do léxico como um sistema de armazenagem de símbolos em uma língua, dada a

necessidade de representação conceitual com acesso imediato à interação linguística. Assim, os processos de formação de palavras constituem-se num importante recurso de renovação vocabular.

Dentre esses processos, destacam-se as derivações e composições, principalmente. O foco desta pesquisa centra-se em torno dos processos de derivação, em especial a derivação prefixal. A derivação prefixal encontra-se nas gramáticas normativas situada na parte que se refere aos processos de formação de palavras. Chama-se formação de palavras o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Para tanto, utilizam-se os afixos de derivação ou os procedimentos de composição. (Cunha & Cintra, 2007, p. 97). Os afixos que se agregam anteriormente à base da palavra são chamados de prefixos, e aqueles que se posicionam no final da base são denominados sufixos.

Em relação aos prefixos, Said Ali (1971) coloca em dúvida a autonomia ou não desses morfemas ao dizer que os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente, combináveis com outras palavras. Dessa forma, pode-se observar que não está bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição (Said Ali, 1971, p. 229). Todavia, a maioria das gramáticas normativas considera tanto o sufixo quanto o prefixo elementos presos que necessitam de uma base para formar novas palavras. Tendo em vista essa controvérsia, observa-se que existem duas formas de os prefixos serem entendidos: a primeira, como uma forma presa, e a outra em casos em que os prefixos como *contra*, *entre* e *sobre*, como formas livres na língua. Essa controvérsia evoca uma aporia no universo dos estudos linguísticos.

No entanto, em todas as gramáticas consultadas, a prefixação é classificada como um processo derivacional. Inclusive Said Ali (1971), apesar de chamar a atenção quanto à dúvida de a prefixação ser classificada como derivação ou composição, acaba por adotar a prefixação como um processo de derivação, pois, de acordo com ele, nada se comprovou sobre a existência de formas atualmente tratadas como prefixos independentes em línguas indoeuropeias. Além disso, afirma ainda que a Linguística diacrônica já concluiu que alguns sufixos, por sua vez, provêm de palavras livres, de modo que a afirmação acima extinguiria a derivação e levaria à hegemonia da composição.

Na mesma linha de raciocínio situa-se Bechara (s/d, p. 169). Para ele, “o prefixo empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona com as preposições.” O gramático ressalta que, ao contrário dos sufixos, que assumem um valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa e podem aparecer com formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não são como os sufixos que servem para determinar uma nova classe no vocábulo (Bechara, s/d, p.169).

Cunha & Cintra (2007, p. 98) atribuem ao prefixo uma independência maior em relação ao sufixo, pois se origina em geral de preposições e advérbios que têm ou tiveram vida autônoma na língua. Os autores são enfáticos ao dizer que “a rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em desfazer, ou *re-* em repor), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra* em *contradizer*, *entre*, em *entreabrir*). No primeiro caso haveria derivação; no segundo, seria justo em falar-se em composição.”

Apesar de haver todo esse questionamento em classificar determinados prefixos como composição ou derivação, Cunha & Cintra (2007, p.98) consideram o emprego de qualquer prefixo, seja livre ou preso, como derivação prefixal. Argumentam a tomada dessa posição ao afirmar que tanto os prefixos quanto os sufixos formam novas palavras que conservam uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Sacconi³ (1984, p. 212) define a derivação como sendo um processo de formação de palavras por meio de acréscimo ou supressão de afixos. Assim temos: “a *derivação prefixal* ou *por prefixação*: quando o semantema recebe prefixo. Ex.: *infeliz, compor, desleal, ultravioleta, infravermelho, anético, super-homem.*” Também chama a atenção para o problema da distinção entre derivação prefixal e composição: “Muitos consideram a formação de palavras por prefixação um processo de composição, e não de derivação. Nesse caso, considera-se o prefixo um semantema (embora auxiliar), e não um morfema.”

De acordo com Cegalla (1978, p. 66), os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas provieram do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, portanto como vocábulos autônomos. Assim, possuem uma significação bem mais precisa.

Cegalla (1978, p.66) faz um retrospecto dos prefixos na língua, utilizando-se do aspecto diacrônico para esse fim. Para ele, muitos prefixos latinos podem apresentar-se ora com a forma primitiva, principalmente em palavras eruditas (abdicar, abstêmio, adjunto, exclamar, incorporar, interurbano, subterrâneo, supersônico, etc), ora com a forma evoluída ou vernácula (aversão, ajuntar, esgotar,

³ Tanto Sacconi (1984) quanto Cegalla (1978) direcionam suas gramáticas como material pedagógico. Apesar de não serem gramáticas especializadas, elas são utilizadas no dia-a-dia do professor; por isso também são consideradas importantes nesta sondagem.

ensacar, entrevista, sobraçar, sobrepor, etc.). No entanto, alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos, em português; outros, pelo contrário, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras. Figuram entre esses últimos a-, contra-, des-, em- ou en-, es-, entre-, re-, sub- e super- (latinos) e anti- (grego). Ressalta ainda que em numerosas palavras que entraram para a nossa língua já formadas obliterou-se o sentimento do prefixo. É o caso, por exemplo, de adunco, observar, objeto, exceção, proceder, relatar, cujos prefixos são vazios de sentido. Finaliza seu percurso afirmando que não são raros os exemplos de vocábulos em que ocorrem juntos dois prefixos: reenviar, desenterrar, desembarcar, indispor, etc.

Nota-se que o prefixo está presente nas mais variadas situações, agindo de diferentes formas e possibilitando uma importante alteração semântica na língua.

Ao se fazer o mapeamento de várias gramáticas tradicionais, percebe-se a grande dúvida que permeia as prescrições normativas ao se referirem aos processos de derivação prefixal. No entanto, todas elas definem esse processo de formação de palavras como derivação prefixal.

À parte essas indagações, o que realmente interessa é ressaltar que o prefixo constitui-se como um morfema que empresta ao radical um novo significado. Essa é considerada a principal função desse elemento no processo de formação de palavras. Ao contrário do sufixo que imprime normalmente à palavra a mudança de categoria lexical, o prefixo, por sua vez, sugere uma mudança significativa de sentido à palavra com a qual se coliga.

1.2 A VISÃO DA LINGUÍSTICA ACERCA DOS PROCESSOS PREFIXAIS

Nesta seção, objetiva-se entender os processos de formação de palavras, situados na área da Linguística, mais especificamente nos fundamentando na morfologia. É importante ressaltar que a morfologia tem por objeto de estudo a palavra e seus morfemas. Etimologicamente, morfologia significa o “estudo da forma”. De acordo com Bauer (1992, p.8), a morfologia é vista de forma geral como algo secundário na Linguística. Pode-se ainda dizer que é considerada uma subdivisão da Linguística ao tratar da estrutura interna das palavras. As unidades básicas da análise reconhecidas na morfologia são os morfemas.⁴ Villalva (2000, p. 15) também concorda com a marginalização da morfologia ao dizer que houve uma diluição da morfologia na sintaxe e na fonologia, tornando-a uma área problemática.

Percebe-se que desde os estudos clássicos até os contemporâneos, a pesquisa em morfologia foi sempre marginalizada⁵. Um dos fatores para que isso possa ter ocorrido é a questão da dependência dessa área em relação a outros ramos da linguística para uma melhor compreensão de seus fenômenos, mas não é por isso que ela deva ser posta de lado, uma vez que possibilita uma série de entendimentos importantes em relação à língua. Villalva (2000, p.8) tenta entender a morfologia percebendo que ela estabelece várias conexões com outros domínios.

No que se refere mais diretamente aos processos derivacionais, trata-se, neste momento, da derivação prefixal a partir de uma visão da Linguística.

Para Cabral (1974, p. 112), “os prefixos são elementos mórficos que se colocam antes do radical.” Cabral deixa bem clara a função dos afixos ao mencionar que ambos os tipos são formas presas que se acrescentam a um radical para lhe alterar a significação lexical e/ou mudar a classe gramatical, ou ainda, para marcar as categorias flexivas.

⁴ “Morphology as a sub-branch of linguistics deals with the internal structure of word-forms. The basic units of analysis recognized in morphology are morphemes.” ⁴ (BAUER, 1992, p.8)

⁵ Exceto durante o estruturalismo norte-americano, que se dedicou intensamente aos estudos morfológicos.

A autora assevera que, no português, a função de alterar o radical é desempenhada primordialmente pelo prefixo e, que, no geral, os prefixos não mudam a classe gramatical do radical (Cabral, 1974, p.112). Cabral (1974, p.125) chama a atenção para a diferença entre derivação e composição: conforme a autora, na derivação aparece apenas uma unidade mínima lexical (lexema), enquanto na composição aparecem, pelo menos, dois lexemas. Afirma também que o limite entre uma palavra composta e um núcleo cercado por determinantes e/ou modificadores, às vezes, torna-se difícil de definir.

De imediato, percebe-se que também nas pesquisas linguísticas há uma preocupação em definir derivação: essa problemática não recai somente nas gramáticas tradicionais, é também algo que interessa aos linguistas, uma vez que essa questão não é de fácil resolução, nem para gramáticos, nem para os estudiosos da linguagem.

Kehdi (2003, p. 26) explica que se designam afixos os morfemas que se anexam ao radical para mudar-lhe o sentido. Para o autor, os afixos antepostos ao radical denominam-se prefixos (**des** leal); quando pospostos, recebem a denominação de sufixos (firme **mente**). Contudo, a diferença entre prefixos e sufixos não é meramente distribucional. O acréscimo de um prefixo não contribui para a mudança da classe do radical a que se atrela, diferentemente do que ocorre com os sufixos. Já Alves (2004, p. 23) discorda da posição de Kehdi em relação à mudança categorial do prefixo. Para ela, há determinados prefixos que, além de provocar a mudança de significado, também alteram a classe gramatical, pois vários exemplos atestam que o prefixo, unindo-se a uma base substantiva, pode atribuir-lhe função adjetiva e mesmo adverbial. A função adjetiva é comumente verificada com o prefixo

anti- seguido de um nome substantivo. Citam-se os exemplos: (1) o rebelde *anti-cristo* e (2) luta *antipetróleo* (ALVES, 2004, p.35).

Sandmann (1992) faz uma importante reflexão a respeito dos afixos e suas fronteiras com os processos de composição. De acordo com ele, os afixos constituem um elenco fixo, não muito numeroso e praticamente fechado de determinado código linguístico, por veicularem ideias gerais (Sandmann, 1992, p. 34). O autor define a diferença entre derivação e composição ao reiterar que os substantivos formadores de composição (*professor-show, vídeo-torpedo*) expressam ideias particulares, ao contrário dos prefixos como *des-*, *re-*. Alguns teóricos tentam distinguir derivação de composição ao propor que existem na língua elementos presos e livres. Afirmam que a derivação é realizada por meio de elementos fixos/presos, o que para Sandmann não procede, pois há prefixos muito produtivos na língua, como o *não*, mas que aparecem como formas livres na língua.

Na tentativa de elucidar, ou apenas refletir, acerca dessas convergências na língua, Rocha (1998) apresenta, de forma bem clara, o conceito de derivação prefixal. Para ele, a derivação prefixal é um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra através do acréscimo de um prefixo a uma base já existente; esse prefixo é considerado uma forma presa. Rocha (1998, p. 151) mostra que o prefixo tem identidade fonológica, semântica e funcional, além de ser uma sequência fônica recorrente, não constituir base e ser posto à esquerda de uma base.

É muito difícil estabelecer as fronteiras entre prefixos e bases presas. Afinal, o *não* é um prefixo ou uma forma livre na língua? Rocha usa os exemplos que Câmara Jr. cita ao mostrar que casos como *sobreviver, conviver, entressafra* não seriam derivação e sim em composição, uma vez que elementos como *sobre, com, entre*

têm vida própria na língua. Entretanto, o próprio Rocha (1998) consegue argumentar de uma forma mais precisa e defender a ideia de que essas formas citadas são formas presas, pois não possuem raiz, já que no vocábulo composto faz-se necessário apresentar duas palavras com raízes próprias (*guarda-chuva, couve-flor*).

No que se refere à classificação dos prefixos, Basilio (1991) inclui a prefixação no processo de derivação, pois caracteriza a derivação pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra. Afirma que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. (Basilio, 1991, p. 26). Para tanto, caracteriza o processo de composição pela junção de uma base a outra para a formação de uma palavra, i.e., uma palavra é composta quando apresenta duas bases (Basilio, 1991, p.27).

Assim, pode-se considerar uma dificuldade no contexto das investigações linguísticas a delimitação de fronteiras entre derivação e composição; no entanto, neste estudo, adota-se o viés que estabelece o prefixo como elemento pertencente à derivação, principalmente pelo fato de que quando se recorre ao processo de derivação, aciona-se o mecanismo de criação lexical responsável pela formação de palavras semanticamente relacionadas com a palavra base (Basilio, 1998). É o caso que ocorre com o prefixo investigado, pois o teor semântico identificado estabelece uma conexão direta com a base da palavra.

1.3 O PREFIXO *DES-* NA VISÃO TRADICIONAL (GRAMÁTICAS E DICIONÁRIOS) E DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Neste item, são relatadas as diferentes descrições dadas ao prefixo *des-*, seja por meio de dicionários e de gramáticas tradicionais, bem como de artigos

direcionados ao elemento em estudo. Objetiva-se, aqui, investigar e localizar considerações acerca do significado que diferentes fontes dão ao prefixo.

Apesar de existirem muitas publicações na área de formação de palavras (FP), há poucas propostas de sistematização. Isso empobrece o material pedagógico, no qual os prefixos são apresentados sob forma de uma lista em ordem alfabética, separados por origem, seja grega ou latina, com seus significados e alguns exemplos descontextualizados de seu ambiente sintático, ou seja, normalmente o gramático coloca duas palavras em que o prefixo aparece. Assim, nota-se um tratamento marginal aos prefixos da Língua Portuguesa.

Alguns dicionários de Língua Portuguesa foram consultados a fim de buscar elementos a respeito do prefixo *des-*. Ximenes (2000, p. 292), por exemplo, explica o surgimento do morfema. Para o autor, o *des-* é um prefixo vindo do latim *de* e *ex* que significa separação, negação, transformação. Cita dois exemplos: *desacompanhar*, *descontentar*. Já o dicionário eletrônico Michaelis (2008) atribui alguns significados para o prefixo, entre eles: 1. Exprime a ideia de afastamento, privação, ação contrária, negação: *descascar*, *destoucar*, *desdar*, *desnecessário*. 2. Às vezes, constitui prefixo de intensidade ou reforço: *desaliviar*, *desfear*, *desinquieta*, *deslasso*.

Houaiss (2001, p. 947) explica a origem e os teores semânticos expressos pelo prefixo *des-*. Para o autor, o “prefixo de forma vernácula, extremamente prolífico na língua sobre o qual comenta J.P.Machado: “De indubitável origem latina, não se esclareceu ainda de que palavra ou locução; há duas sugestões: *dis-* para uns; *de ex* para outros (...)”, exprime sobretudo: 1. oposição, negação ou falta: *desabrigo*, *desamor*, *desarmonia*, *descortês*, *desleal*, *desproporção*, *dessaboroso*; 2. separação, afastamento: *descascar*, *desembolsar*, *desenterrar*, *desmascarar*; 3.

aumento, reforço, intensidade: desafastar, desaliviar, desapartar, desferir, desinfeliz, desinquietao.”

Já as Gramáticas Tradicionais se apresentam bastantes heterogêneas em relação aos significados emprestados pelo *des-* ao se coligar com as palavras. Algumas apresentam várias acepções, enquanto outras apenas citam dois ou três exemplos.

De início, Said Ali (1971, p. 250) discorda da maioria dos gramáticos em relação ao surgimento do morfema *des-*: Para o autor, o prefixo não procede da junção das preposições latinas *de* e *ex*, uma vez que tanto no latim culto quanto vulgar o emprego do *ex* como preposição tendia a desaparecer. Logo, não se sentia necessidade de agregar essa partícula para constituir prefixo duplo. Assim, Said Ali acredita que o *des-* usado no sentido negativo ou de contradição é a romanização de *dis-* forma esta que se manteve inalterada em certo número de vocábulos recebidos da língua-mãe, mas cuja faculdade era de criar novos termos na língua portuguesa se transferiria à forma *des-*. Dessa forma, a alteração fonética veio acompanhada de sensível alteração semântica, desenvolvendo-se fortemente o sentido negativo que se começava a observar em latim, como *díspar*, *dissimilis*, e outros vocábulos, apagando-se ao mesmo tempo o sentido de separação ou divisão próprio do prefixo latino.

Said Ali (1971 p.250 e 251) explica o prefixo *des-* com os seguintes exemplos: Como sucessor do latim *dis-*, produz o prefixo *des-* *substantivos* que denotam:

- a) coisa contrária ou falta daquilo que é denotado pelo termo primitivo: desabrigo, desordem, desconfiança, desconforto desprimor, desamparo, desacordo, desarmonia, desventura, desonra, desavença, desatenção, desrespeito, desequilíbrio, desproporção, descaso;

b) cessação de algum estado: desengano, desilusão, desagravo, desuso;

c) coisa mal feita: desserviço, desgoverno;

Nos *verbos* denota:

a) ato contrário ao ato expresso pelo verbo primitivo: desenterrar, desfazer, desabotoar, desenrugar, desapertar, desentupir, desobedecer, desembulhar, desatar, descoser, desembainhar, desembaraçar;

b) cessação da situação primitiva: desempatar, desoprimir, desmamar, desenganar, desimpedir;

c) tirar ou separar alguma coisa de outra: descascar, desmascarar, descaroçar, desbarbar, desbarrar, desfolhar, desbarretar

d) mudar de aspecto: desfigurar.”

Constata-se que Said Ali dá uma atenção especial ao prefixo *des-*. Certamente foi a gramática investigada que mais contribuições ofereceu ao estudo realizado.

Bechara (s/d, p.182) menciona algumas significações para o morfema. Para ele, o par *de-/des-* oferece a mesma significação: *de-*: (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-*: decair – descair. Também menciona as partículas *de(s)-*, *di (s)-*: (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, separação, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (*dis+fácil*), desinfeliz, desfear (=fazer muito feio), demudar (= mudar muito). Na verdade, embora Bechara considere algumas ocorrências do prefixo *des-*, parece, ao mesmo tempo, haver uma mistura dos próprios prefixos nas suas considerações, não evidenciando, desse modo, suas particularidades, já que cada um desses opera de forma diferente na língua.

Já Maia⁶ (1994, p. 52) atribui três significados ao prefixo *des-*: ação contrária, separação e privação; e menciona os seguintes exemplos: desvendar, descriminar, desfazer.

Coutinho (1976, p. 177) afirma que o *des-* surge a partir de *de* + *ex*: com valor semântico de separação, afastamento, ação contrária, intensidade e negação, podendo também ser expletivo: desandar, deslembrar, desviar, desfazer, desonesto, destratar, desgastar, desinquietao.

Notadamente a polissemia é um fenômeno bastante marcante nos prefixos. No caso do *des-*, a sua ocorrência é bastante produtiva. Sacconi (1984, p. 153), por exemplo, cita uma série de significados que o *des-* atribui à palavra a qual se coliga.

- . negação: desleal, desengano, desonra, desamor
- . ação contrária: desarrumar, desdizer
- . aumento, intensidade: desabusado, descomunal
- . destruição: desmantelar, desmoronar
- . separação: descascar, deslocar

Entretanto, na maioria das gramáticas, as variações indicadas de significados estão longe de serem exaustivas. Para Cunha & Cintra (2007, p. 99), os prefixos encontram-se listados em ordem alfabética e com dois ou três exemplos, notadamente, descontextualizados. Para eles, o *des-* exprime separação e ação contrária, apenas.

Percebe-se que a abordagem tradicional limita-se a separar os prefixos conforme a origem (ex: gregos e latinos) e com alguns significados estabelecidos, muito embora o exemplo dado não se configure diretamente com a carga semântica anunciada.

⁶ Maia também direciona sua gramática às atividades pedagógicas.

No trabalho de Piloto *et al* (2002) encontra-se uma tentativa de sistematização importante: as autoras conseguem dar conta de alguns valores semânticos do prefixo *des-*. De início, apresentam uma constatação considerável ao anunciarem que os prefixos do português ainda não foram sistematizados. Isso significa dizer que há muito o que se fazer nessa área, pois sistematizar os prefixos do português é uma tarefa importante na atualização dos dados da língua.

Outra questão para a qual as autoras chamam a atenção diz respeito aos processos morfológicos, mais especificamente à interdependência dos processos de formação de palavras com outros ramos da Linguística, tais como componentes da morfologia, fonologia, sintaxe, semântica, lexicologia e pragmática.

Em relação ao *des-* pode-se constatar que não há uma única regra, pois de acordo com Piloto *et al* (2002) “os dados analisados permitem identificar cinco realizações desse prefixo”, i.e., cinco valores semânticos. São eles: separação, transformação, ação contrária, privação e negação. As acepções semânticas são sistematizadas da seguinte forma:

SEPARAÇÃO: indica separação dos constituintes. Ex: desacasalar, desacavalar, desachegar.

TRANSFORMAÇÃO: apresenta transformação em sua forma e/ou estrutura em relação à *xb* (base). Ex: degelar, desenrugar, desfigurar.

AÇÃO CONTRÁRIA: indica uma ação transeunte ou imanente àquela expressa por *xb*. Ex: desabraçar, desabotoar, desacelerar.

NEGAÇÃO: nega *xb*. Ex: desajudar, desaceitar, desagradar.

PRIVAÇÃO: ausência de uma propriedade. Ex: desvitalizar, desentesar.

Citam ainda algumas outras acepções, mas que não chegam a considerar como categoria semântica. São elas: *Intensidade*: desarrancar e *Caráter reforçativo*: desafastar, desaliviar, desapagar, desapartar.

Nesse momento é importante considerar que a proposta de sistematização dos teores semânticos das autoras é baseada simplesmente no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, conhecido simplesmente como “Aurélio”. Embora seja uma tentativa importante, não consideram a palavra em seu contexto de ocorrência, fator esse que certamente empobrece os resultados, pois como se pode verificar mais adiante, a acepção semântica pode sofrer alteração conforme a situação em que se encontra a palavra prefixada pelo morfema *des-*.

Oliveira (2004, p. 82) trata a respeito do prefixo *des-* em sua Dissertação de Mestrado, voltada às condições de produtividade, por sua vez relacionadas ao tipo de base com que o morfema se adjunge, no caso, as classes gramaticais. Os dados também aparecem de forma dissociada do contexto de ocorrência, uma vez que a autora não pretende discutir teores semânticos, mas sim buscar obter informações que auxiliem no estabelecimento de padrões gerais para a formação de palavras derivadas por prefixação. Ela analisa 55 bases substantivas, 55 adjetivas e 70 bases verbais que foram prefixadas pelo morfema *des-* e traz considerações importantes no que se referem às classes gramaticais. Por exemplo, o prefixo *des-* une-se:

a) a substantivos primitivos abstratos adicionando o sentido de “ausência de” ou “falta de”: *ágio/deságio, amor/desamor, crença/descrença, apreço/desapreço, atenção/desatenção, encanto/desencanto, fortuna/desfortuna, serviço/desserviço, pudor/despudor, afeto/desafeto, temor/destemor, vantagem/desvantagem.*

b) a substantivos deverbais derivados por sufixação em *-idade, -mento, -ão, ção* ou *-ança*: *descomplementaridade, desligamento, desapareição, desfavelização,*

desproporção, desapropriação, desvalorização, dessemelhança, desunião, desaceleração. A essas construções o prefixo adiciona o sentido “contrário de”:

c) a substantivos deverbais formados por derivação sufixal zero, adicionando o sentido de “contrário de”: *desacordo, desbloqueio, descompasso.*

Em relação aos adjetivos, a partir do estudo de Oliveira (2004, p. 84) percebe-se que o prefixo *des-* adiciona-se:

a) a bases adjetivas primitivas, em que nega a qualidade da base, ou seja, adiciona o sentido de “negação”: *afável/desafável, amável / desamável, leal / desleal, favorável/desfavorável, contente/descontente, elegante/deselegante, agradável/desagradável, humano/desumano, importante / desimportante, cortês/descortês.*

b) a bases adjetivas nominais participiais em *-ado* e deverbais em *-nte*, nas quais adiciona o sentido “contrário de”: *desamassado, desacostumado, descansado, descasado, desempregado, desfeito, desenterrado, desanimado, desconfiado, desconhecido, desimpedido, desmilitarizado, despreocupado; descoagulante, desestimulante, desinquietante, desestatizante.*

c) a bases adjetivas deverbais denominais (oriundas de substantivos abstratos), adicionando o sentido de “negação” ou “contrário de”: *desafortunado, desajeitado, desencaminhado.*

d) a bases adjetivas denominais (oriundas de substantivos abstratos), nas quais acrescenta o sentido de “negação” ou “contrário de”: *desatencioso, desamoroso, desvantajoso.*

Oliveira (2004, p. 88) trata das formações verbais. De acordo com a autora, o *des-* é altamente produtivo quando se adiciona a bases verbais que permite que a ação ou estado seja desfeito, como em *desenterrar*. Desse modo, admite-se que

uma ação foi praticada ou uma situação foi estabelecida para então ser levada a efeito uma ação/situação contrária.

Finalmente, Oliveira (2004, p. 89) afirma que há algumas restrições semânticas em relação ao *des-*, como por exemplo, a sua não-adição a substantivos concretos, como em *desmiragem* e *desluz*. Outro aspecto interessante levantado pela autora se refere ao que ela chama de bloqueio heterônimo, como ocorre em adjetivos que já possuem seus pares antônimos consagrados no léxico: feio/bonito (*desfeio*), gordo/magro (*desgordo*). Ressalta que a palavra *desamor* é uma exceção, pois há o par amor/ódio e mesmo assim existe no léxico essa forma.

O estudo de Oliveira (2004) mostra-se coerente em seus objetivos, ele também auxilia a observar o tipo de base a que o prefixo *des-* se adjunge e com isso há a possibilidade de se depreender de forma mais clara o teor semântico comportado pelo morfema, embora não seja considerado o ambiente de ocorrência.

Alves (2000, p. 224) em sua tese de Livre-Docência intitulada “*Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*” dedica uma parte à análise do prefixo *des-*. Para a autora, o caráter prefixal do *des-* é reconhecido por quase todos os gramáticos e lexicógrafos da língua portuguesa. Também ressalta uma considerável quantidade de formações neológicas que o *des-* produz na língua no atual estágio contemporâneo, salienta que o *des-* constitui bases substantivas, adjetivas e verbais.

Observa-se que nas abordagens tradicionais se reconhecem apenas algumas acepções para o prefixo *des-*. No entanto, não notamos qualquer preocupação em considerar a multiplicidade de sentidos do elemento morfológico. Isso decorre em função da abordagem de cunho classificatório e prescritivo das gramáticas tradicionais cujo enfoque recai sobre o produto e não sobre o processo.

Essas são as versões encontradas em gramáticas, artigos científicos, dissertações e teses a respeito do prefixo *des-*. Evidencia-se, neste momento, a importância do que já se pesquisou acerca do prefixo *des-*; no entanto, pretende-se contribuir para a sistematização das facetas semânticas admitidas pelo prefixo, porém de uma forma que considere o contexto de ocorrência da palavra prefixada. Esse é o diferencial do trabalho proposto, pois, notadamente, a língua opera de forma conjunta com vários elementos e não de maneira dissociada. Dessa maneira, entende-se que o teor semântico capturado pelo prefixo *des-* se tornará mais claro a partir das relações que a palavra prefixada estabelece com outros vocábulos nos recortes analisados.

1.4 RESUMO

Após tratar da perspectiva da tradição gramatical em relação aos prefixos, fez-se uma sondagem de como a Linguística trata os processos lexicais com o objetivo de destacar as principais características desse mecanismo de formação de palavras. Também se sondaram alguns trabalhos que versam acerca do prefixo *des-* com o intuito de situá-lo no universo das pesquisas linguísticas.

Dessa sondagem teórica considera-se que os prefixos têm características específicas que o tornam parte do processo de derivação, uma vez que são formas presas, isto é, são partes integrantes das palavras, apresentam uma identidade semântica e funcional e não se adjungem a qualquer base. Em relação ao prefixo *des-* se constata alguns estudos consideráveis; no entanto, nenhum leva em consideração o contexto de ocorrência da palavra prefixada.

CAPÍTULO II – A POLISSEMIA NO ENTENDIMENTO DA PRODUTIVIDADE LEXICAL

Neste capítulo, explicitam-se primeiramente os pressupostos teóricos que buscam entender o fenômeno da produtividade lexical, perpassando, desse modo, principalmente pelas ideias de Aronoff (1976), Basilio (1980), Bauer (1992) e Rosa (2005).

Em seguida, inicia-se uma discussão a respeito dos difíceis limites entre polissemia e homonímia, pautando-se em semanticistas importantes que tratam do referido assunto, tais como: Ullmann (1964), Chierchia (2003), Dubois (2004) e Tamba Mècz (2006), entre outros.

O presente estudo busca entender as formações neológicas, bem como do material utilizado para a análise. Para tanto, explica-se a questão do surgimento dos neologismos no intuito de entender o porquê desse fenômeno na língua e, finalmente, abordam-se os tipos textuais utilizados como material de análise.

2.1. A NOÇÃO DE PRODUTIVIDADE LEXICAL NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

É importante estabelecer o ponto de vista no qual é entendida a produtividade lexical do elemento morfológico investigado: o prefixo *des-*. De imediato pode-se recorrer ao critério quantitativo, ou seja, considera-se produtiva determinada formação prefixada a partir da quantidade de formas existentes na língua.

Rosa (2005, p 89) afirma que é muito simples definir produtividade. A autora postula que é a formação de palavras novas por determinada regra, que é chamada

de *Regra de Formação de Palavra (ou RFP)*. Desse modo, ela ressalta que a morfologia lida com palavras potenciais: para dar conta de regras produtivas. Assim, a autora entende que a produção de uma única palavra nova já é suficiente para dizer que a regra é produtiva.

Alguns teóricos, como Basilio (1980) e Aronoff (1976), por exemplo, definem de modo geral a produtividade lexical como sendo a ocorrência de Formação de Palavras por meio de determinada regra que é chamada de Regra de Formação de Palavras (RFP).

Bauer (1992, p. 57) considera que a produtividade lexical tem sido vista atualmente como um assunto dos grandes debates relacionados à morfologia derivacional. Isso significa dizer que compreender o fenômeno da produtividade lexical é um ponto fundamental no entendimento ligado aos processos de derivação. Para ele, a produtividade de um processo morfológico (seja flexional ou derivacional) tem a ver com o quanto (ou, no caso limite, se) ele é usado na criação de novas formas que não estão listadas no léxico, i.e., o autor deixa claro seu ponto de vista em relação ao que considera produtivo: interessa, desse modo, considerar fundamentalmente as criações neológicas para estabelecer a questão da produtividade (BAUER, 1992, p. 315).

Já para Andrade (2005, p.5) parece haver outra forma de entendimento para o que se pode considerar produtivo lexicalmente. O autor adota outro ponto de vista, pautando-se, no entanto, na linha teórica estabelecida pelos estudos de Basilio. Para ele, a produtividade lexical precisa ser focalizada também a partir de uma perspectiva semântica, pois ela está diretamente relacionada ao aspecto polissêmico e/ou multifuncional dos processos de formação de palavras. Basilio (1999) em seu artigo, também chama a atenção para essa questão. Para ela, dizer

que determinado afixo é produtivo é dizer pouco, pois se verifica que a produtividade de uma Regra de Formação de Palavras (RFP) quando atua sobre uma base morfológica determinada, pode ser mais produtiva com uma base do que com outra. Nesse sentido, as afirmações de produtividade estão circunscritas a tipos morfológicos de bases. Acrescenta-se aqui o fato de que a necessidade de especificação de ambientes de produtividade não se deve limitar ao ambiente morfológico, mas sim à questão de polissemia que perpassa pelo viés semântico dos processos de formação de palavras.

No modelo de Aronoff (1976, p. 46) as regras de formação de palavras são definidas especificamente como regras que podem criar novos itens lexicais dentro da língua. O autor explica o fenômeno da produtividade lexical. Para ele, “há uma ligação direta entre coerência semântica e produtividade”. Logo, quanto mais seguro o falante se sentir em relação à coerência semântica, mais frequentemente ele utilizará determinado formativo e, por conseguinte, maior será a produtividade das palavras. Basilio (1980, p. 14) ajuda a explicar esse fenômeno linguístico ao comentar a respeito das restrições lexicais. Para ela, o falante ideal é aquele que conhece perfeitamente a) todas as relações que se podem obter entre as entradas lexicais de sua língua; e b) a interação entre essas relações e a possibilidade de formar palavras novas. Percebe-se que o falante não precisa conhecer todas as palavras de sua língua; entretanto, ele consegue reconhecer as restrições, ou seja, há palavras em que o *des-* não se agrega por causar em primeira instância um estranhamento (exemplo: *descorajoso*).

Souza (2006, p.21), em sua Dissertação de Mestrado, explica as ideias de Basilio ao afirmar que a autora apresenta a produção lexical como um processo de aplicação de regras que é influenciado e retroalimentado pela lista já existente. A

proposta da autora une a questão da redundância, observada em Jackendoff (1975), e a da produtividade, defendida por Aronoff (1976). Desse modo, Basilio propõe dois tipos de regras lexicais: Regras de Formação de Palavras (RFPs) e Regras de Análise Estrutural (RAEs). Sua proposta procura dar solução para problemas que Jackendoff e Aronoff encontram, por tentarem tratar de questões do léxico sob óticas ou exclusivamente interpretativas (Jackendoff) ou exclusivamente produtivistas (Aronoff). Em sua argumentação, Basilio restringe as RAEs aos casos de processos improdutivos da língua, admitindo, assim, que as regras sejam aplicadas exclusivamente no esforço de interpretar palavras novas no léxico.

Assim, Basilio irá afirmar que todas as Regras de Formação de Palavras têm contrapartes de análise estrutural, mas nem toda RAE tem um correspondente em RFP. Assim, tem-se o esquema (A):

(A) RFP: [X]y → [[X]y W]z

RAE: [[X]y W]z

A partir daí, podem-se identificar dois tipos distintos de regras morfológicas: (a) regras morfológicas improdutivas, empregadas apenas para interpretar palavras existentes e formadas por sufixos que não são mais usados para formar palavras novas, como por exemplo, no português, formações do tipo *X-idão* e (b) regras morfológicas produtivas, empregadas para interpretar palavras existentes e gerar palavras novas, como as construções com o sufixo *-ista*, entre outros. Daí resultam sufixos produtivos e sufixos improdutivos.

A importância do emprego de Regras de Análise Estrutural não está propriamente na relação que o falante pode estabelecer entre elas e as RFPs,

durante a análise das palavras do léxico. O que mais interessa nessas regras é o fato de que elas têm existência independente das demais regras e podem ser utilizadas pelo falante, independentemente de isso resultar ou não numa associação entre RFP \Leftrightarrow RAE. Na medida em que as RAEs são usadas para estabelecer hipóteses acerca do valor morfológico e sintático de uma palavra, elas podem ser empregadas para interpretar palavras cujas bases não constam do léxico. Mais do que isso, também podem interferir nas Regras de Formação de Palavras.

Dessa forma, sugere-se observar que o emprego de Regras de Análise Estrutural demonstrou-se importante pelo fato de tais regras serem um recurso vantajoso para se tratar do léxico como uma parte da gramática que está sujeita a interferências do falante, e não como um conjunto fixo de palavras.

2.2 POLISSEMIA VERSUS HOMONÍMIA

A Linguística tem contribuído de forma eficiente para elucidar alguns pontos obscuros que, muitas vezes, as gramáticas normativas deixam sem questionamentos e sem respostas. No entanto, de forma alguma se desconhece a importância das Gramáticas Tradicionais, uma vez que desempenham um papel fundamental na língua e são consideradas bases para reflexão para a maioria dos estudos linguísticos. Eis essa uma entre as causas do surgimento da ciência da linguagem, uma vez que a Linguística tem por função descrever a língua e proporcionar reflexões acerca de fenômenos linguísticos pouco elucidados e sem um direcionamento coerente. Dentre as muitas perspectivas presentes na Linguística, há uma ciência importante e capaz de gerar um questionamento acerca

dos fenômenos gerados no interior das línguas do ponto de vista de seu significado: a semântica.

É a partir do surgimento da semântica que o estudo das palavras ganha sistematicidade. Vale lembrar que as bases da semântica foram lançadas no final do século XIX, pelo filólogo Michel Bréal, na França.

Chierchia (2003, p. 21 e 22) define a Semântica como sendo o estudo do significado das expressões das línguas naturais. O autor afirma que há debates e controvérsias tanto terminológicos quanto substanciais, sobre a natureza do significado. No entanto, assume que a linguagem, como qualquer outro aspecto da realidade, não se apresenta de forma organizada em uma série clara e incontroversa de fatos. A linguagem é um instrumento central para a existência da espécie humana, permitindo-nos a transmissão imediata de pensamentos sempre novos e a manipulação de informações com qualquer grau de complexidade sobre o ambiente que nos cerca. A linguagem é tão comum que nem se percebe sua complexidade; porém quando atingidos por algum problema que nos priva da fala (afasia, por exemplo), isso se torna devastador.

A própria semântica encontra limitações em sua definição. Na verdade, o pesquisador precisa estabelecer a metodologia que adotará para investigar determinado fenômeno linguístico. Assim, Gomes (2003, p.14) afirma que estudar semântica passou a ser, antes de tudo, uma opção metodológica sobre a dimensão natural, formal ou social da linguagem.

Não constitui novidade para os estudiosos da língua o fato de as palavras ou mesmo os morfemas admitirem sentidos diversos. Com o prefixo *des-* esse fenômeno aparece muito acentuado. Nas línguas, a multiplicidade de sentidos

provoca o surgimento de dois tipos principais de ambiguidade lexical: a polissemia e a homonímia. Para Bidarra (2004, p. 26):

A palavra é considerada lexicalmente ambígua quando ela suporta diferentes significados. Esses significados, porém, podem se manifestar nas palavras de duas maneiras distintas: (a) polissemicamente, um caso particular de ambiguidade lexical em que os significados, embora diferentes, guardam um certo tipo de relacionamento semântico suficientemente capaz de nos deixar perceber que se tratam de significados muito próximos uns dos outros; (b) homonicamente, um fenômeno que acontece quando os significados admitidos pela palavra em questão são, de tal modo, díspares entre si, a ponto de nos perguntarmos se estamos mesmo diante de uma “única palavra” com sentidos diversos ou se, contrariamente, o que se tem aí são palavras completamente distintas, porém “acidentalmente” escritas com a mesma ortografia.

Constata-se que são muitas as definições encontradas na literatura para estabelecer a diferença entre a polissemia e a homonímia. Para Tamba Mècz (2006), a polissemia é a multiplicação dos sentidos de uma mesma palavra com um mesmo significante aplicado a significados aparentados. Já a homonímia consiste em significantes idênticos, cujos significados não guardam entre si qualquer relação semântica de proximidade. Tradicionalmente, os homônimos são palavras diferentes (i.e. lexemas) com uma forma igual, enquanto a polissemia se caracteriza pela existência de muitos sentidos ligados entre si por um significado básico e central. Embora sejam muitos os critérios propostos para diferenciar a homonímia da polissemia, ainda não existe aquele considerado consistente e definitivo. Lyons (1987), por exemplo, coloca em dúvida o critério etimológico. Para ele, é muito difícil saber em que momento histórico uma palavra tenha assumido esse ou aquele novo significado. Várias tentativas já foram feitas nesse sentido, mas os resultados e a veracidade dos fatos, por razões diversas, tornam-se não confiáveis. O dinamismo

com que as línguas evoluem e as diferentes situações cotidianas que se interpõem nesse percurso são os principais entraves para a confirmação desses resultados.

Kehdi (1993, p.11) diz que se procurarmos caracterizar a palavra sob o aspecto semântico, os casos de homonímia revelar-se-ão problemáticos. Consideram-se homônimas as formas linguísticas de mesma estrutura fonológica, porém inteiramente distintas quanto ao ponto de vista significativo. O autor questiona essa questão ao perguntar se se poderia afirmar que *manga*, nos seus diferentes significados, é uma só palavra; ou haveria tantas palavras manga quanto os diversos significados correspondentes?

Dubois (2004, p.326) também contribui para o esclarecimento entre homonímia e polissemia. De acordo com ele, “homônimo é a palavra que se pronuncia e/ou se escreve como outra, sem ter o mesmo sentido ou ainda, é a identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não têm o mesmo sentido, de um modo geral”. No que tange à polissemia, Dubois (2004, p. 427) a conceitua como sendo a propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos. Entretanto, o autor assume que a questão entre polissemia e homonímia é de difícil resolução, ao afirmar que se poderiam buscar os critérios de distinção entre polissemia e homonímia na Etimologia; todavia, seria um recurso diacrônico e provavelmente não funcionaria.

A polissemia, embora hoje estudada com maior atenção, nem sempre foi um fenômeno apreciado. Ao longo da história, muitos a censuraram. O primeiro deles e, talvez o mais importante de todos, foi Aristóteles. Para ele, as palavras de significado ambíguo servem, sobretudo, para permitir ao sofista desorientar os seus ouvintes. Ullmann (1964, p. 330) relata que os filósofos competiam uns com os outros denunciando a polissemia como um defeito da linguagem e como um

importante obstáculo na comunicação e até mesmo para um pensamento claro; uma ideia não compartilhada por Frederico, o Grande, um admirador ardente do francês que via no significado multifacetado um sinal de prosperidade da língua. O próprio Bréal concordava com o Rei. Para ele, “Quanto mais significados uma palavra acumulou, mais diversos aspectos da atividade intelectual e social ela é capaz de representar”.

Para Ullmann (1964, p. 331) “a polissemia é um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de múltiplas maneiras”. O autor cita e examina cinco fontes que poderiam explicar o fenômeno da polissemia em uma língua, dentre as quais considera as mudanças de aplicação, a especialização num meio social e a linguagem comum como os mais frequentes, enquanto os casos de homônimos e da influência estrangeira seriam os menos frequentes na linguagem cotidiana.

A primeira delas se refere às mudanças de aplicação que consistem na mudança de significado das palavras dependendo do contexto em que são usadas. Dessa forma, alguns aspectos são efêmeros, já outros permanecem e conforme aumenta a separação entre os termos, pode-se considerá-los com sentidos diferentes do que eram anteriormente. Por exemplo, os adjetivos variam seu significado de acordo com o substantivo que qualificam. A maioria dos sentidos surgiu graças a mudanças de aplicação e também o sentido figurado contribuiu para o surgimento da polissemia.

Ullmann (1964, p. 338) lembra que o filósofo Urban dizia: “o significado velho e o novo convivem por isso surge a polissemia.”

Outra fonte examinada por Ullmann trata da especialização no meio social: direciona-se no sentido de dizer que a polissemia surge frequentes vezes como

uma espécie de “taquigrafia verbal”⁷, ou seja, parece simples para determinada área do conhecimento enquanto para outra gera confusões. Ullmann cita como exemplo o termo *ação* na linguagem da jurisprudência, onde ele sempre é interpretado como ‘*ação legal*’, enquanto que para o soldado, a palavra *ação* é prontamente entendida como ‘*ação militar*’.

A terceira característica citada por Ullmann trata acerca da linguagem figurada, que se mostra uma fonte profícua de polissemia nas línguas naturais. O autor desenvolve essa ideia ao dizer que um termo pode ser empregado com um ou mais sentidos figurados, entretanto, mantendo uma estreita relação com seu significado original. Para que não haja confusão entre a acepção antiga e a nova acepção que surge, é necessário que ambas convivam. De acordo com o autor, a metáfora não é a única figura de linguagem que pode dar origem à polissemia, há também a metonímia, por exemplo.

Uma fonte de produção de polissemia lexical considerada mais rara pelo autor consiste na reinterpretação de homônimos. Desse modo, a polissemia pode surgir também a partir de uma forma especial de etimologia popular, ou seja: quando duas palavras em princípio homônimas têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, há certa tendência a considerá-los como uma única palavra com dois sentidos.

Por fim, Ullmann trata da influência estrangeira que pode contribuir para o surgimento da polissemia, embora em menor escala, pois algumas vezes o sentido importado abolirá completamente o sentido antigo, ocasionando assim o empréstimo semântico.

⁷ Analogia criada por Bréal (*apud* Ullmann, p. 334) que indica um determinado sentido utilizado por determinado grupo social.

À parte todas as paixões e crenças, o fato é que, se não fosse possível atribuir vários sentidos às palavras e morfemas da língua, nossa memória estaria sobrecarregada. Conforme a ótica de Basilio (1991, p.10):

...formamos palavras pela mesma razão que formamos frases, o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.

Ullmann vê na multiplicidade de significados dos itens lexicais um fator incalculável de economia e flexibilidade de que a língua dispõe. Para o semanticista, o número de significados ligados a uma palavra importa menos que sua qualidade, já que, às vezes, algumas palavras mais comuns nas línguas naturais são justamente as mais polissêmicas.

É importante salientar que quanto mais sentidos uma palavra adquiriu, mais ambígua ela se torna. Há vários setores sociais em que ocorre ambiguidade. De acordo com Ullmann (1964, p. 362), “As ambiguidades estão mais em evidência onde menos seriam de se esperar: no uso técnico e científico”, ou seja, em ambientes que reclamam por uma objetividade maior. Um grande trunfo na elucidação de ambiguidades se encontra nos ambientes em que ocorrem; isso significa dizer que o contexto é o grande mote de esclarecimento de ambiguidades e desencadeador de entendimentos mais claros acerca dos elementos em uso.

Pautar-se-á em Perini (2001 p. 250), nesse momento, para entender a questão discutida até aqui. O autor elege como exemplo a palavra *verde*, que pode ser o nome de uma cor ou então um estágio na maturação de uma fruta, tanto que se pode dizer de uma fruta amarela que ainda está verde. O autor apresenta o

seguinte problema: “considera-se *verde* uma única palavra ou duas? Se for considerada uma única palavra haverá mais de um significado, ou seja, é polissêmica. Ao se distinguir, porém, duas palavras “*verde*”, afirma-se que as duas terão a mesma pronúncia e grafia e que são homônimas.” Para o autor, a maioria das palavras são polissêmicas em algum grau, por exemplo, fio (de linha) e fio (de eletricidade); no entanto, palavras não-polissêmicas são raras, e geralmente são criações artificiais como os termos técnicos: fonema, pâncreas, etc.

Cançado (2005, p.106) atesta que existe uma diferença entre homonímia e polissemia tradicionalmente assumida pela literatura semântica, mais especificamente pela lexicologia. Ambos os fenômenos lidam com os vários sentidos que os itens lexicais podem comportar, entretanto, segundo Cançado (2005: 107) “polissemia é quando os possíveis sentidos de uma palavra ambígua têm alguma relação entre si”. A autora usa como exemplo os seguintes casos:

(a) *pé*: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta etc.

(b) *rede*: rede de deitar, rede elétrica, rede de computadores etc.

Em (a), tanto se pode recuperar o sentido de *pé*, como sendo a base, como em (b), pode se recuperar a ideia de coisa entrelaçada na palavra *rede*. Entretanto, essa recuperação que é baseada na intuição do falante e em alguns fatores históricos a respeito do item lexical, não é uma tarefa fácil. Nem sempre há uma concordância entre os falantes, ou mesmo, a dificuldade, por vezes, encontrada em precisar, com segurança, a etimologia de um item lexical, tem vindo a impor-se como um problema.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de uma mesma palavra poder ser considerada uma homonímia em relação a determinado sentido e ser uma

polissemia em relação a outros. Recorre-se, dessa forma, aos exemplos de Cançado:

(c) *pasta1* = pasta de dente, pasta de comer (sentido básico = massa)

(d) *pasta2* = pasta de couro, pasta ministerial (sentido básico = lugar específico)

O item lexical *pasta* pode ser tanto polissemia, nos vários sentidos associados a cada ocorrência, quanto homonímia, pois pela intuição do falante, o sentido de *pasta*, entre (c) e (d) não pode ser recuperado.

Considera-se, assim, que o caráter polissêmico dos processos de formação de palavras serve para sugerir a expansão do léxico sem onerar em demasia a memória do falante.

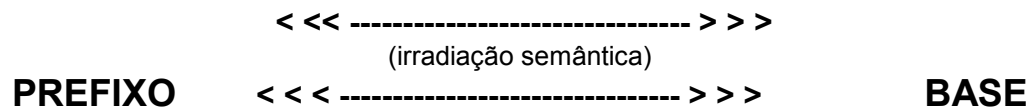
2.2.1 A LEI DA IRRADIAÇÃO SEMÂNTICA

Outro fenômeno importante a ser considerado para um melhor entendimento do quadro polissêmico do prefixo *des-* se refere à Lei da Irradiação, postulada por Bréal em seu livro intitulado *Ensaio de Semântica*.

De modo geral, Bréal (1992, p. 41) postula que a irradiação pode criar desinências gramaticais e essas, com novos significados. Dito de outra forma, a irradiação é uma lei que promove mudanças no significado atribuído aos morfemas de uma palavra. Desse modo, os estudos brealinos centram-se na capacidade que um determinado morfema apresenta de formar novas palavras cujo sentido é previsível pelo falante nativo do idioma.

Assim, pressupõe-se que há uma inter-relação entre o prefixo e a base: uma reclama o outro na atribuição final do sentido estabelecido pela palavra prefixada. Não é o prefixo isoladamente que guarda em si o significado; na verdade, o

significado final da palavra é dado pelo todo: prefixo + base. Um morfema emite sentido para o outro, ou seja, ocorre uma irradiação de significado de forma mútua.



No entanto, apesar de haver essa irradiação de significados entre prefixo e base, também se considera, no âmbito desta pesquisa, a palavra vinculada ao seu contexto de ocorrência, a fim de que se possa capturar o teor semântico mais preciso do elemento pesquisado, pois dependendo do contexto linguístico, a unidade lexical pode admitir outros sentidos.

Conforme se lê em Gomes (2003, p.31):

...o fato de que em todas as línguas ocorrem formas significantes passíveis de realizações conceituais distintas despertam na Semântica Tradicional a preocupação com o contexto. Ou seja, a determinação do significado estaria na dependência de suas possíveis realizações contextuais...No entanto, por mais flutuante que seja a significação de uma palavra ela não se define exclusivamente pela sua situação no contexto; ele somente pode torná-la mais precisa.

É justamente essa precisão de sentido que se busca filtrar nesta pesquisa, pois a língua possui seus mecanismos intrínsecos de significação; no entanto, os morfemas e as palavras estabelecem relações umas com as outras e, a partir desse diálogo, pode-se depurar o sentido preciso do elemento em seu ambiente de ocorrência, o que não significa que exista um sentido único, pois a polissemia é algo entranhado na língua.

2.3 VARIABILIDADE LEXICAL, CULTURA E NEOLOGISMOS

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se neologismos, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os arcaísmos, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem do uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. (Bechara, s/d, p. 351)

Vale sempre lembrar que a língua é dinâmica e está em constante renovação, uma vez que ela varia com o tempo, com a região, de sexo para sexo e também em relação à idade dos falantes. Dessa forma, com toda essa variabilidade ainda existem as constantes transformações nas mais diversas áreas da sociedade que solicitam o surgimento de novos termos. Assim surgem novos itens lexicais, enquanto outros caem em desuso. De forma geral, os teóricos definem neologismo como uma unidade lexical de criação recente, uma nova aceção da palavra já existente, ou uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua. Ele surge com uma nova descoberta científica, de uma modificação na vida social, de um momento de pensamento. O neologismo é criado tanto pelo sábio quanto pelo ignorante. Presume-se que grandes escritores e jornais de grande circulação são as fontes mais produtivas dos neologismos, o que não impede falantes comuns de manipularem os processos de formação de palavras e criarem novos vocábulos.

O neologismo literário é percebido em obras de grandes autores clássicos como Dante, Shakespeare e Guimarães Rosa. É importante lembrar que para recriar a realidade Guimarães Rosa brincou com os aspectos morfossintáticos do português, ao criar neologismos e construções sintáticas que causam estranhamento no leitor. Dessa forma, a literatura, ou melhor, as obras literárias podem servir como elemento desencadeador no processo de criação de neologismos.

Sabe-se que os neologismos são criados principalmente por dois processos de formação de palavras: a derivação e a composição, além dos estrangeirismos que adentram na língua e, por vezes, são aportuguesados como é o caso dos termos do futebol (football => futebol/ goal => gol), e outras vezes permanecem inalterados, como é o caso das palavras *shopping* e *e-mail*.

Dessa forma, para Cabral (1974 p. 74), o léxico pode revelar os interesses culturais de uma dada comunidade. Conforme ressaltava E. Sapir (*apud* Cabral 1974, p.74), os sistemas linguísticos apresentam uma evolução muito mais lenta do que os demais fatores da cultura. Isso diz respeito ao sistema fonológico, morfológico e sintático. O léxico é o componente mais flutuante e mais sensível às mudanças culturais. Nele pode-se distinguir o *léxico básico* que se refere às significações universais como as partes do corpo e o *léxico cultural* que é específico de determinada comunidade. Logo, comunidades que desenvolvem a pesca terão uma maior riqueza de itens lexicais ligados à pesca do que comunidades dedicadas ao plantio. Esses fatores se verificam também em todas as profissões, no âmbito das quais os itens lexicais são mais ricos, por exemplo, médicos, engenheiros, jogadores de futebol. Determinados profissionais, devido justamente à sua profissão, ampliam seu léxico na área de atuação específica.

Outro ponto são os empréstimos lexicais, ou seja, palavras de outras línguas que vão entrando na Língua Portuguesa através dos tempos. Os empréstimos lexicais têm origem no contato entre as culturas e na influência que uma cultura exerce sobre a outra em vários aspectos do comportamento e da vida social. São exemplos de empréstimos antigos: abajur, sutiã, pincenê; já teens, shopping, show, xampu e xerox são exemplos de alguns empréstimos mais recentes.

Discutiu-se e ainda é motivo de discussões se termos estrangeiros deveriam ser abolidos do português. Há, de fato, um uso considerável, principalmente de palavras oriundas do inglês em vitrines de lojas e empreendimentos imobiliários. Essa assimilação de palavras ou itens lexicais pode significar o enriquecimento do idioma. Ao se analisar o acervo lexical de uma língua qualquer numa perspectiva histórica, percebe-se que sua constituição nunca é homogênea. Palavras oriundas de diferentes línguas vão continuamente se agregando ao estoque lexical básico. Incorporar palavras de outras línguas é uma condição geral das línguas.

Para haver evolução lexical, é essencial se apropriar de palavras de outras línguas, além, é claro, de se utilizar regularmente os próprios mecanismos de geração de palavras novas. Esses fatores permitem à língua a possibilidade de se manter adaptada às contínuas mudanças trazidas pela dinâmica histórica das sociedades humanas, em especial pelo contato intercultural.

Para Alves (2000, p.111) a renovação neológica das línguas sempre sofreu reações puristas, que com base na tradição das línguas, manifestam-se contrariamente ao emprego de neologismos ou aceitam-nos sob certas condições. A autora explica que a história da língua portuguesa mostra-nos que a reação contra o emprego de neologismos tem sido dirigida mais particularmente contra os empréstimos, as unidades lexicais importadas de outros sistemas linguísticos. Se,

de um lado, sabemos que o acervo lexical do português se enriqueceu por meio de empréstimos íntimos - de substrato (línguas ibéricas pré-românicas), de superstrato (elementos germânicos) e de adstrato (elementos árabes, africanismos e tupinismos) - e culturais (sobretudo elementos do provençal, do francês, do italiano e, mais contemporaneamente, do inglês), devemos também reconhecer que os empréstimos franceses foram culturalmente muito importantes a partir do século XVIII (Mattoso Câmara, 1975b, p.198-201), como reflexo da influência que a França exercia sobre nossos costumes, particularmente no Rio de Janeiro (Alves, 2000, p. 114-115).

No entanto, ao se verificar as apropriações lexicais no decorrer dos tempos, percebe-se que a origem maior de nosso vocabulário é o latim. Também há muitas palavras de origem grega, inglesa, germânica, árabe, indígena, italiana e francesa, entre outras. Além disso, o português também exporta palavras (azulejo, barroco, coco, fado, favela, macumba, manga, samba, saudade, sertão, varanda).

Para Alves (2004, p. 5), o acervo de todas as línguas se renova. Palavras deixam de ser usadas e surgem unidades lexicais novas. O neologismo é oriundo de mecanismos da própria língua por meio de processos autóctones (oriundo da própria língua) ou de itens lexicais provenientes de outras línguas.

Carvalho (1987, p.10) diz que criar uma palavra é impor um conceito por intermédio de sua representação escrita ou falada. Mais que um ato linguístico, portanto, a criação é um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma comunidade.

2.4 ENTENDENDO O MATERIAL DE ANÁLISE: O ARTIGO JORNALÍSTICO: O OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA

Conforme se lê em Saviani Rey (2002) no artigo “*Jornalismo Opinativo: dilema ou questão de dimensão e conteúdo*”, no jornalismo acadêmico há uma tendência a desconsiderar os textos opinativos, pois são enfatizados ao longo da formação do jornalista apenas os textos mais comuns como a notícia e a reportagem. Isso ocasiona um prejuízo considerável ao profissional do jornalismo. Entretanto, considerar essa formação opinativa do jornalista favorece um diferencial na carreira do futuro profissional.

Desse modo, discutir a respeito do material de análise é um fator fundamental, uma vez que se optou justamente por artigos de opinião veiculados pelo jornal *on line Observatório da Imprensa*.

Albuquerque *et al* (2002) entendem o *Observatório da Imprensa* não somente como um espaço no qual os jornalistas se engajam na construção de uma identidade comum, mas também como uma *arena*, na qual os jornalistas disputam entre si e com outros agentes sociais os termos da definição dessa identidade. O jornal também se apresenta como um agente que toma parte ativamente no debate, defendendo posições, buscando influenciar outros agentes.

Afinal, quais são as características fundamentais do artigo de opinião?

Diferentemente da notícia, que busca a essência da informação a partir do relato objetivo dos fatos, o artigo de opinião expõe ideias, explanando-as e emitindo juízos de valor. Tem na essência a persuasão do leitor, buscando conquistar adeptos e impor determinada expressão da verdade. Embora transite no fato informado, vai além, uma vez que o articulista ou jornalista tem liberdade sobre o

conteúdo; porém, conforme ressalta Saviani Rey (2002) “o fato precisa ser tratado com atualidade não apenas como elemento do cotidiano, porém, com visão histórica (...). isso possibilita ao Jornalismo Opinitivo maior responsabilidade na hierarquia dos gêneros do jornalismo.” A função principal do artigo está em debater os problemas e estimular a reflexão da sociedade como um todo a partir da opinião concedida pelo jornalista a um dado fato noticiado. Isso favorece o crescimento intelectual da sociedade, pois o artigo jornalístico é capaz de enobrecer a cidadania.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que há uma crítica considerável presente nos textos analisados para essa pesquisa, uma vez que, além de noticiar, o jornal *Observatório da Imprensa*, cumpre um papel salutar na questão da fiscalização da mídia, já que esta impõe valores sociais e morais de uma forma bastante abusiva servindo aos mecanismos de poder e alienação.

Conforme consta na própria página do jornal disponibilizada na internet (www.observatoriodaimprensa.com.br), o *Observatório da Imprensa* é uma iniciativa do Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo e projeto original do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É um veículo jornalístico focado na crítica da mídia, com presença regular na internet desde abril de 1996. Constitui-se como entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que pretende acompanhar, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira.

Em relação ao material coletado, escolheram-se aleatoriamente diversos assuntos bem como diferentes seções presentes no jornal. Em média, colheram-se de 8 a 10 artigos semanais durante o período de outubro de 2007 a outubro de 2008.

2.5 RESUMO

Nesta seção, discutiu-se o conceito de produtividade lexical, o fenômeno da polissemia e da homonímia e também se fez uma sondagem teórica do material utilizado para a análise.

Após esse estudo, considera-se produtivo o prefixo que apresentar diversos teores semânticos e se entender a polissemia como os diferentes significados presentes tanto nas palavras quanto nos morfemas. O fenômeno da polissemia consiste num mecanismo eficiente para o estabelecimento da linguagem, uma vez que não onera a memória do falante.

Outro fenômeno linguístico importante responsável pela interpretação dos dados dessa pesquisa se refere à Lei da Irradiação Semântica. Essa lei dá conta da “irradiação” dos significados entre prefixo e base, pois um elemento complementa o outro na busca da acepção final da palavra prefixada.

CAPÍTULO III – AS MÚLTIPLAS FACETAS SEMÂNTICAS DO PREFIXO *DES-*

Como já mencionado anteriormente, a base de dados para a análise do prefixo em questão é composta pela análise do jornal *Observatório da Imprensa* (em versão *on line*). A coleta de dados teve início em outubro de 2007 e estendeu-se até outubro de 2008. Foram catalogados 172 recortes em que o prefixo *des-* aparece de maneira transparente. O critério de seleção se pautou na capacidade de recuperação sincrônica, morfológica e semântica tanto da base da palavra quanto do prefixo propriamente dito. Dessa maneira, formações como *destacar* e *destruir*, por não conterem uma base com significado sincronicamente recuperável, a saber **tacar* e **truir*, foram descartadas.

A escolha do *Observatório da Imprensa* se justifica pelo fato de se tratar de um jornal de fácil acesso, disponibilizado na internet e conter um maior número de textos e de tamanhos variados.

Buscando trabalhar com um *corpus* mais variado, optou-se por não selecionar uma sessão específica do jornal. A ideia era evitar as tendências semânticas ditadas ou determinadas pelo assunto central tratado. Por exemplo, devido à situação política brasileira estar em constante descrédito, formações de palavras com teores semânticos negativos certamente seriam recorrentes, prejudicando assim a qualidade dos dados analisados.

Vale lembrar que se analisam a ocorrência do prefixo *des-* e a sua influência sobre o significado das palavras, bem como a influência do significado da base no resultado final da palavra prefixada, o que é feito a partir de um viés morfo-semântico. O hibridismo teórico se justifica, porque, desde o início, se entende que a

morfologia por si só não seria capaz de explicar isoladamente a capacidade polissêmica presente nesse tipo de construção.

Percebe-se uma múltipla tendência semântica de algumas palavras. As palavras *descansar* e *desmascarar*, além de estabelecerem uma ação contrária também adquirem um sentido positivo, de ganho ou vantagem. Com efeito, o verbo *desmascarar* pode representar dois significados distintos; um deles, denotativo (tirar a máscara – objeto) e outro, conotativo (desmentir alguém), o que é positivo/digno. Esse fato é extremamente recorrente e é importante rememorar-lo no decorrer do texto, pois, além de os diferentes contextos de ocorrência poder possibilitar diferentes acepções semânticas, a mesma palavra num mesmo contexto pode exalar mais de um teor. Isso dificulta alguns casos de classificação; entretanto, esse fenômeno exalta mais uma vez a polissemia presente no prefixo *des-*.

Ressalta-se que o teor semântico será resultado da palavra em seu ambiente linguístico, ou seja, seu contexto de ocorrência, uma vez que analisar somente a palavra prefixada de forma isolada empobrece de forma considerável os resultados. Desse modo, como a língua opera num todo de forma eficiente, procurou-se estabelecer essas conexões a fim de que se possam obter resultados mais consistentes.

A seguir são apresentadas as sete acepções predominantes, aqui resumidas na tabela I.

Tabela I - Teores Semânticos do prefixo *des-* + base da palavra + contexto

Teores semânticos	Palavras analisadas em contexto
1. Negatividade	<i>desinformação, desonesto, desconhecem, despersonalização,</i>

	<i>desmatamento, desnutrição, desesperança, deseducar, descontextualizada</i>
2. Positividade	<i>desobrigado, descansem, desintoxicação, desabou</i>
3. Ação contrária	<i>desocupação, desembolsar, desmontada, desarmar, desaparecer, desligam, desfabricamos</i>
4. Aumento, intensidade	<i>desgastados, desdobrado, desnudou, desgraça, desgaste, despedaçado</i>
5. Separação	<i>deslocando, desatrelada, desfibrada</i>
6. Transformação	<i>desfigurado, desintegrar</i>
7. Falta de harmonia	<i>desequilíbrio, descontrole, desproporcionais</i>

Na sistematização dessas acepções, percebeu-se o alto grau de produtividade do prefixo *des-*, notadamente ao partir-se de um **viés polissêmico** (Andrade, 2006, pautado nos estudos de Basilio). É importante ressaltar que há uma **ocorrência quantitativa importante** (Alves, 2003) de formações prefixadas pelo *des-* bem como a presença de alguns **neologismos** (Bauer, 1992). Essas três definições de produtividade são importantes no direcionamento da definição do que vem a ser considerado produtivo; no entanto, vale lembrar que a polissemia é o principal foco no entendimento da produtividade lexical neste trabalho.

3.1. NEGATIVIDADE

Com base nos dados levantados nessa pesquisa, o teor negativo do prefixo *des-*, de todos, é o mais dominante. Na maioria das vezes em que o prefixo aparece, a função é trazer para o plano da palavra derivada algo que deixa de estar presente no significado da base da palavra. Essa negação tanto se dá em contextos em que a base é representada por um nominal (substantivo ou adjetivo) como por um verbal.

A negatividade, nessa pesquisa, é entendida como algo que causa danos, prejuízos ou desvantagem. Considera-se que, por excelência, o prefixo *des-* atribui à palavra com a qual se adjunge uma negação; no entanto, no caso dessa acepção não é somente uma negação que provoca uma relação de antonímia, seja positiva ou negativa, mas o que se entende por negatividade aqui é justamente o valor de perda, prejuízo.

É o caso, por exemplo, do nominal *desinformação* no recorte que segue:

(1) *A censura pode resultar em rumores e **desinformação** nas ruas.*
Observatório da Imprensa 01/01/2008

Em (1), observa-se que o substantivo *desinformação* indica um estado de quem tem pouca ou nenhuma informação sobre algum assunto. Ou ainda, sugere uma informação propositadamente errônea. Isso, certamente, se revela um dano ou prejuízo e, por isso, o *des-* imprime um sentido negativo à palavra a qual se coliga.

De maneira semelhante, interpretam-se os recortes que seguem:

(2) *Por que as emissoras escudaram-se no argumento **desonesto** da "censura", quando tinham algo muito mais sólido – a conveniência do telespectador, a efetividade do investimento publicitário, a estabilidade do mercado televisivo – para defender as suas posições?*
Observatório da Imprensa 08/01/2008

(3) *De acordo com o ranking do MEC, a união dos governos com a iniciativa privada tem produzido raras ilhas de excelência num sistema que há décadas forma estudantes de ensino*

*básico incapazes de ler um bilhete e que **desconhecem** as operações básicas da matemática.*

Observatório da Imprensa 15/01/2008

Em (2), o adjetivo *desonesto*, a partir da junção do prefixo, apresenta a ideia de algo ou alguém corrupto, devasso, não digno nem honrado. Ou seja, o *des-* adjuge à base da palavra algo totalmente ruim e de perda, denotando, portanto, um teor semântico totalmente negativo. No caso específico o adjetivo caracteriza o substantivo *argumento*, que por sua vez, dá ideia de falta de caráter aos motivos utilizados pelas emissoras em relação à proibição de certas propagandas que veiculam bebidas alcoólicas.

Já em (3), tem-se o verbo *desconhecem*. Isso demonstra que o *des-* também se coliga com verbos. Nesse caso, o prefixo revela o sentido de não ter conhecimento, não ter noção básica de um saber fundamental para o exercício da cidadania; assim *desconhecer* implica em um sentido altamente negativo e desfavorável.

O prefixo *des-* atribui essa mesma negatividade a várias outras palavras, como nos exemplos a seguir.

*(4) Para citar estudo recente, a pesquisadora Gisele Levy (UERJ) divulgou um resultado preocupante, que reflete a realidade de muitas cidades brasileiras: cerca de 70% dos professores de cinco escolas públicas em Niterói sofrem da chamada síndrome de Burnout, que se traduz em exaustão emocional, **despersonalização** e falta de realização. Observatório da Imprensa 17/12/2007*

*(5) Contudo, talvez não haja razão para pânico, já que o Brasil reduziu em 60% o **desmatamento** nos últimos três anos, o que equivale a meio bilhão de toneladas de CO₂, ou 14% de tudo que teria que ser reduzido pelos países "desenvolvidos" até 2012. Observatório da Imprensa 01/01/2008*

No recorte (4) aparece a palavra *despersonalização*. Para Lalande (1999, p. 242), a *despersonalização* é uma designação *sui generis*, distinta do que vulgarmente se chama *desdobramento da personalidade*, e que consiste, sobretudo,

em perceber as suas próprias palavras e os seus próprios atos como se perceberia qualquer coisa de anormal e de estranho. A despersonalização, ao contrário do verdadeiro desdobramento de personalidade, apresenta-se, sobretudo, sob a forma de sentimentos anormais que o sujeito experimenta a respeito de si próprio, sentimentos de estranheza, de irrealidade, de ausência total da pessoa, ou seja, na verdade é uma patologia psicológica. Isso evidencia que o prefixo *des-* imprime à base uma idéia de algo extremamente negativo, de perda, de dano.

No exemplo (5), a partir da palavra *desmatamento*, tem-se uma ideia altamente forte de destruição, pois o desmatamento, principalmente nas últimas décadas, mostra-se um fator de grande risco à própria sobrevivência da espécie humana, não trazendo consigo somente a ideia de desflorestar, mas imprimindo uma ideia mais generalizada que se refere à sobrevivência do planeta que está em constante risco de sobrevivência.

Nos exemplos 6,7 e 8 que seguem também ocorre uma negatividade bastante intensa nas palavras *desnutrição*, *desesperança* e *deseducar*. Todas essas palavras, notadamente a partir da junção do prefixo *des-*, mostram-se altamente detentoras de uma carga semântica causadora de prejuízos.

*(6) A imprensa cobriu quase tudo: a adoção de um bebê por um casal estável de homossexuais, unidos há mais de seis anos; o bom tratamento que o bebê recebe, passando da quase **desnutrição**, quando foi adotado, até hoje, quando atingiu o peso normal para a idade; a intervenção das autoridades, retirando o bebê do casal que o adotara, sob a alegação de que os dois rapazes, por seu homossexualismo (e um deles é travesti), "não são normais".*

Observatório da Imprensa 15/01/2008

*(7) Celso de Mello concluiu o voto afirmando que, após esse julgamento, que ele classificou de "efetivamente histórico", "milhões de pessoas não estarão mais condenadas à **desesperança**".*

Observatório da Imprensa 25/05/2008

*(8) "O grande benefício [da nova lei] é parar de **deseducar** as nossas crianças.*

Observatório da Imprensa 07/04/2008

Em 9, a questão da *descontextualização* se mostra frágil em algumas análises, no caso específico, dos defeitos do indivíduo. Pode-se lembrar que muitos fatos, sejam da vida cotidiana ou de análises científicas, como é o caso da língua, por exemplo, se tomadas de forma isolada, causam danos e prejuízos a qualquer análise que busque uma coerência e credibilidade de resultados.

*(9) E somente os meus defeitos foram demonstrados de forma **descontextualizada**.
Observatório da Imprensa 23/10/2008*

Percebe-se, a partir desses exemplos, a força semântica que o prefixo *des-* imprime à base da palavra. Também pelo material coletado podemos afirmar que as formações com teores negativos predominam, porém não são as únicas.

É importante lembrar que nos casos mencionados anteriormente e também nos recortes que serão analisados a seguir ocorre o fenômeno que Bréal chama de **irradiação**, ou seja, há nitidamente entre os morfemas (prefixo + base) uma propagação de significados mútuos para resultar no sentido final da palavra prefixada. Um elemento propaga sentido para outro. Não é só o *des-* que carrega o sentido final nem a base que se mantém unicamente detentora de significado, mas é o conjunto das partes que compõem a palavra que determinam o sentido. É importante chamar a atenção para esse fato, uma vez que se fala em teores semânticos do prefixo *des-*, no entanto, é sempre importante considerar o todo (prefixo + base e inclusive o contexto de ocorrência).

3.2. POSITIVIDADE

De imediato remete-se à acepção semântica de positividade. Embora o prefixo *des-* seja, por excelência, um morfema com força negativa, dependendo da base com a qual se coliga, o resultado é inverso, uma vez que, caso a base seja negativa, o resultado final dessa junção revela-se positivo.

Dessa forma é importante considerar que um dos princípios da Lógica é o fato de que ao se negar algo com semântica negativa, por natureza, o resultado passa a ser positivo, ou seja, a negação simplesmente troca o valor de verdade da base da palavra a partir do morfema negativo. Se o teor semântico da base da palavra é negativo, de imediato, com a incorporação do *des-*, assume um sentido positivo, de ganho. Portanto, pode-se dizer que o processo de junção do prefixo *des-* não imprime a ele unicamente um caráter de positividade, já que tem a função por excelência de negar algo, mas pelo processo de derivação prefixal, ou seja, *des-* + base negativa, tem-se um resultado positivo: um morfema (prefixo → base / base → prefixo) irradia ao outro e surge um novo significado, conforme os exemplos abaixo.

No exemplo (1) deste grupo de acepção semântica, a base da palavra sugere algo forçado, sem escolha. A partir do *des-* ocorre a negação dessa base e, por conseguinte, reforça-se o caráter positivo de *desobrigado*, i.e., livre, que está à vontade.

*(1) Naturalmente, nas críticas ao ex-presidente foram usados dois pesos e duas medidas, pois do presidente Lula tudo se perdoa nessas questões, como se ele fosse o único brasileiro desobrigado de se submeter à norma culta, podendo falar como puder ou quiser.
Observatório da Imprensa 27/11/2007*

O mesmo teor de positividade encontra-se em (2). Ao acrescentar o prefixo à base da palavra, o vocábulo adquire um novo significado, ou seja, *descansar* sugere repousar do cansaço; aliviar da fadiga, do esforço ou de cuidados; tranquilizar.

(2) *E espero que lá meus ossos **descansem** até se fundirem com a terra.*
Observatório da Imprensa 15/01/2008

Nesse momento é importante ressaltar aqui o contexto de ocorrência dos termos *desobrigado* e *descansem*. Pelos exemplos supracitados, as palavras analisadas desempenham uma semântica positiva. Porém, ao se criar outros enunciados esses mesmos itens lexicais podem vir a adquirir um sentido negativo. Por exemplo: “o funcionário está *desobrigado* a cumprir a tarefa”. Dependendo de quem vê a situação, ela remete positividade ou negatividade. Torna-se positivo para o funcionário o fato de estar desobrigado a cumprir determinado trabalho, principalmente se não for dos mais agradáveis; entretanto, para o patrão isso é extremamente negativo, pois acarretará perda, uma vez que com a não obrigação do funcionário terá de imediato, problemas. O mesmo ocorre com *descansem*. Sugere-se o exemplo “quis *descansar* no momento do árduo trabalho...”. Embora descansar seja fundamental para a saúde do ser humano, há momentos certos para esse ato. No fragmento citado, provavelmente a hora escolhida para o *descanso* não foi apropriada e, portanto, em uma das possíveis análises, podemos sugerir que *descansar*, nesse contexto, implica em certa negatividade.

Ressaltam-se essas diversas situações justamente para constatar que essas diferentes vertentes de significado para o mesmo item lexical não anulam o teor positivo dos derivados pelo prefixo *des-*, muito pelo contrário, reforçam seu caráter polissêmico e de produtividade lexical. Desse modo, não se pode esquecer que a língua é flexível ao comportar muitos significados para um só significante.

A ideia de positividade ocorre também nos exemplos a seguir:

(4) *Os editores perguntam ‘como você está?’ naquele tom que se usa com um amigo que acaba de sair de uma **desintoxicação** ou um divórcio”.*
Observatório da Imprensa 10/06/2008

No exemplo (4), o termo *desintoxicação* refere-se ao ato ou efeito de desintoxicar, esse por sua vez, designa libertar-se dos efeitos da ingestão ou a aspiração de substâncias tóxicas, também se refere à redução gradativa de certas substâncias tóxicas. A partir dessas definições, insere-se essa formação na acepção de positividade.

Um caso evidente da importância contextual na definição da acepção semântica ocorre no exemplo a seguir:

*(6) O bom governo exigia uma boa comunicação e, com base num axioma tão simples, **desabou** a rigorosa censura construída a partir do estabelecimento da Santa Inquisição no Império português, em 1536: 272 anos de silêncio e ignorância. Observatório da Imprensa 15/05/2008*

Ao considerar unicamente o termo *desabar*, de imediato a mente do falante o caracterizaria como algo destrutivo, o que notadamente os dicionários revelam. Ferreira (2004, p. 294), por exemplo, define *desabar* como desmoronar, ruir, ou seja, denota algo violento e extremamente negativo. No entanto, no recorte (6), a partir da visualização do contexto de ocorrência percebe-se que *desabar* é algo positivo, pois o que *desaba*, no caso, é a rigorosa censura.

Quantitativamente, o teor semântico positivo não se revela tão produtivo quanto o de negatividade; no entanto, ocorrem formações importantes que se inserem nesse teor semântico. Como este trabalho se pauta na polissemia, a positividade encontrada em algumas formações com o morfema *des-* auxilia a considerá-lo um prefixo produtivo, pois se relaciona produtividade e polissemia.

É importante prestar atenção nessa acepção semântica, pois grande parte das palavras somente adquiriu o sentido positivo a partir de seu contexto de ocorrência. Quatorze palavras foram classificadas com esse teor semântico; embora

não seja uma quantia elevada em relação à categoria anterior, é fundamental essa categoria, pois ela auxilia na questão da produtividade lexical do prefixo *des-* a partir de uma perspectiva polissêmica.

3.3. AÇÃO CONTRÁRIA

Este grupo trata acerca do valor semântico de ação contrária, i.e., indica uma ação transeunte ou imanente àquela expressa pela base da palavra. É considerável a quantia de formações prefixadas com essa acepção semântica. O que difere das outras acepções, no entanto, quanto à categoria lexical é que o verbo predomina nas bases prefixadas.

A acepção do prefixo *des-* como portador de sentido de ação contrária é arrolada em praticamente todas as Gramáticas Tradicionais. Observou-se essa acepção em Said Ali (1971), Coutinho (1976), Maia (1994), Sacconi (1984) e Cunha & Cintra (2007) no capítulo I do presente estudo.

O valor semântico do prefixo *des-* contido nas formações derivadas denota ação contrária ao que é expresso na base da palavra. Embora grande parte das Gramáticas Tradicionais anuncie que o verbo expressa ação, pode-se complementar essa informação ao se afirmar que alguns substantivos também denotam ação, como é o caso, por exemplo, de *desfile* e *tiroteio*. Mesmo não sendo verbos essas palavras emitem um sentido que envolve ação.

Nesse sentido, considere-se o exemplo a seguir:

(1) *A análise do ministro da Justiça sobre a cobertura na **desocupação** da Reserva Raposa/Serra do Sol é equivocada.*
Observatório da Imprensa 14/04/2008

O substantivo *desocupação*, apesar de não ser um verbo nessa situação, emite uma ação contrária, pois indica que alguém saiu do lugar que ocupava. Desse modo, prefixo e base reclamam um ao outro e assim surge um novo significado desse processo de formação de palavras.

Na verdade, não é o prefixo isoladamente que emite este novo significado, mas a junção do prefixo + base que resulta numa nova palavra com sentido diferente na língua.

Como o sentido de “ação” exerce predomínio nessa categoria, os verbos prevalecem enquanto categoria lexical. Consideram-se os exemplos que seguem:

(2) *Mas os preços desse conversor na faixa de 500 reais, no mínimo, significa que o consumidor terá de **desembolsar** quase o valor de dois televisores atuais de 16 polegadas para melhorar a sua recepção.*
Observatório da Imprensa 04/12/2007

(3) *O assunto é nosso – nos porões de uma das naus que trouxe a Corte, a Medusa, veio uma prensa **desmontada** e, graças a isso, chegamos à era Gutenberg.*
Observatório da Imprensa 04/12/2007

No fragmento (1), o ato de *desembolsar* denota algo oposto, mais especificamente, é necessário *embolsar* para posteriormente realizar o ato inverso. Isso demonstra que há uma mudança contrária na ação praticada anteriormente.

Já em (2) e (3), há a ideia de ação contrária de teor qualitativo, uma vez que tanto *desmontar* quanto *desmentir* envolvem qualidade na ação, i.e., sugere-se uma ação que envolve determinado grau de precisão ou de qualificação, por isso menciona-se o vetor qualidade.

Mais exemplos em que ocorre esse teor semântico encontram-se nos recortes abaixo:

(4) *“Curioso” é no mínimo a se dizer do editorial em que O Globo (30/11/2007) diz caber ao Brasil “sair de sua postura acanhada, reflexo de afinidades ideológicas em Brasília com aqueles líderes, para **desarmar** situações danosas à democracia, ao desenvolvimento e à paz no Continente”.*

Observatório da Imprensa 04/12/2007

(5) *Agora, os cientistas chegaram à conclusão de que a calota inteira deverá **desaparecer** ainda no verão de 2012, ou seja, em meros quatro anos e meio. Observatório da Imprensa 01/01/2008*

(6) *Mas é certo que crianças de até 10 anos, no Oiapoque ou no Chuí, em Rio Branco ou em João Pessoa, não **desligam** o televisor às 20 horas. Observatório da Imprensa 08/01/2008*

(7) *Quantos milionários **desfabricamos** nesta crise? Observatório da Imprensa 22/01/2008*

Em todos os exemplos supracitados (4), (5), (6) e (7) há este ato inverso, em que o agente provoca uma ação contrária à praticada anteriormente.

Percebe-se que a produtividade dessa acepção é bastante evidente e particulariza-se pela junção do prefixo mais notadamente em bases verbais.

3.4. AUMENTO, INTENSIDADE

Ferreira (2004, p.153 e 484) define *aumento* como um acréscimo; por outro lado, também define *intensidade* como qualidade ou condição de intenso, grau muito elevado (de força, energia, potência, atividade). Desse modo, as duas palavras guardam em si sentidos semelhantes, pois ocorre um engrandecimento de algo ou alguma coisa.

O participio de desgastar – *desgastado* – revela um teor reforçativo à base com a qual o prefixo se coliga. Ou seja, a ideia veiculada pelo prefixo reforça a base da palavra. Nota-se um caráter de ênfase à palavra *gastados*.

*(1) As medidas tributárias anunciadas quarta-feira (2) pelo governo ainda estão sendo digeridas pela imprensa, mas claramente se percebe quais setores ficaram mais **desgastados** com o aumento de tributos. Observatório da Imprensa 04/12/2008*

*(2) Mais tarde, foi substituído pelo espanhol zaguero, depois adaptado para o português zagueiro, **desdobrado** em quarto-zagueiro e zagueiro-central.
Observatório da Imprensa 22/01/2008*

No exemplo (2), o termo *desdobrado* indica um reforço dado à base da palavra. Não apenas duplicou a função da posição do zagueiro, mas também reforçou, aumentou e intensificou sua atividade dentro de campo. Convém chamar a atenção de que os próprios dicionários estabelecem diferentes acepções para a palavra *desdobrado*. Ferreira (2004, p. 301), por exemplo, explica o conceito da palavra da seguinte forma: abrir-se ou estender-se, ou ainda, incrementar-se ou dividir em dois. A palavra *desdobrado* poderia remeter a outro conceito, caso o exemplo fosse o seguinte: “Depois de ter *desdobrado* os lençóis, Tereza foi dormir.” Nesse caso, seria uma ação contrária.

Notadamente, muitas vezes, essa polissemia encontrada para o prefixo *des-* dificulta a sistematização dos teores semânticos desse elemento morfológico, porém, por outro lado, reforça seu caráter polissêmico na língua portuguesa. Embora se encontre essa dificuldade em estabelecer uma categoria semântica única, pode-se considerar que esse fenômeno linguístico não aborta a importância de uma sistematização dos teores semânticos, pois não se pode deixar de mencionar essas diferentes nuances abarcadas pelo elemento em estudo.

Nos exemplos a seguir aparecem outras palavras com essa ideia de aumento, intensidade.

*(3) Ou a "tigrada", segundo a fraseologia de Delfim Neto, um mestre da prestidigitação, ainda fazendo graça (à custa da **desgraça** alheia, of course) aos 80 anos, recém-comemorados.
Observatório da Imprensa 25/05/2008*

*(4) Um resultado inesperado para aqueles que, desde 2006, não se conformam com um fenômeno inédito: uma **desgaste** político, já consolidado no imaginário do eleitorado urbano, não se *desdobrou** em derrota eleitoral.
Observatório da Imprensa 30/06/2008*

(5) Ao contrário do que ocorreu há pouco mais de um ano, quando o menino João Hélio foi **despedaçado** pelas ruas do Rio, Isabella passou a ser mero pretexto para despertar o espírito detetivesco, tanto dos mediadores como dos mediados. Observatório da Imprensa 14/04/2008

Em (3), tem-se a palavra *desgraça*, que possui um teor negativo; no entanto, esse teor é extremamente intenso, pois demonstra uma privação da graça de alguém, um infortúnio, algo verdadeiramente ruim.

Já em (4), no particípio de desgastar – *desgastado* –, o *des-* revela um teor reforçativo à base com a qual a palavra se coliga. Ou seja, a idéia veiculada pelo prefixo intensifica a base da palavra. Nota-se um caráter de ênfase à palavra *gastados*.

Finalmente, no recorte (5), a palavra *despedaçado* indica uma grande violência praticada pelos assassinos do menino em destaque. Portanto, o morfema *des-* em conjunção com a base formam uma palavra que denota uma intensidade nos ferimentos sofridos pela vítima.

Esse grupo de acepção semântica não se apresentou tão produtivo do ponto de vista quantitativo como o de negatividade e ação contrária; no entanto, foi capaz de fornecer uma polissemia importante para se considerar o prefixo *des-* produtivo lexicalmente.

Desse modo, nos exemplos acima, pôde-se identificar o caráter reforçativo que o *des-* imprime às palavras. Isso contribui para mais uma acepção desse morfema na incorporação de mais teores semânticos à língua e também acaba por veicular um desejo de economia discursiva por parte do falante, visto que não há necessidade de incorporar outros vocábulos para se expressar a ideia contida apenas nessa partícula da língua.

3.5. SEPARAÇÃO

A ideia de separação se apresenta altamente polissêmica nos dicionários consultados. Desse modo, ao se observar os diferentes valores semânticos das ocorrências em evidência, constata-se a necessidade de estabelecer diretrizes para esse significado. Ao se observar o *corpus* de análise, estabeleceram-se duas variantes para o significado de separação. Primeiro, fixa-se a ideia de uma separação de teor físico (concreto) e, num segundo plano, um direcionamento de separação de foro mais abstrato.

Para essas nuances do significado da palavra *separação*, elegeram-se dois recortes que explicitam melhor esse direcionamento semântico para o termo.

(1) *O presidente, por exemplo, disse que 'logo será possível assistir televisão caminhando na rua, sentado num banco de praça ou se deslocando para o trabalho'.
Observatório da Imprensa 04/12/2007*

A partir do exemplo (1), sugere-se uma separação dos constituintes. Portanto, o processo de *deslocamento* envolve estruturas físicas, de constituição concreta. Assim, a noção de separação reflete o caráter estabelecido anteriormente, ou seja, um afastamento de teor físico em que há corpos (matéria) envolvidos.

Já no próximo exemplo, denota-se a ideia de outro tipo de separação, cujo traço característico envolve certa especificidade mais abstrata.

(2) *Não é possível mais conceber a TV ou qualquer outra produção de mídia desatrelada da educação e da promoção da cultura.
Observatório da Imprensa 04/12/2007*

A palavra *desatrelada* no recorte (2) designa um afastamento, uma ruptura de teor abstrato. No entanto, continua a revelar uma separação, só que a partir de uma ideia mais particularizada, pois, conforme o exemplo, há uma disjunção (separação) do que é veiculado pela mídia e os interesses educacionais.

Outro exemplo de teor mais abstrato se encontra em (3):

*(3) Sem dúvida, é o "kit PSDB" que está operando, com especial eficiência, numa Assembléia Legislativa **desfibrada** por longos anos de governismo.
Observatório da Imprensa 06/06/2008*

No recorte acima se tem a palavra *desfibrada* que significa separar as fibras. No entanto, esse termo aparece no sentido conotativo, pois a Assembléia Legislativa encontra-se há muitos anos isolada devido a um tipo de governo autoritário e ditatorial. O prefixo *des-* adjungido à base, nos casos supracitados, demonstra um teor semântico de afastamento que tanto pode ocorrer entre elementos concretos quanto abstratos.

Conforme dados presentes na tabela abaixo, verifica-se uma baixa quantidade de formas que indicam separação. Apenas cinco recortes foram coletados com essa acepção semântica.

3.6. TRANSFORMAÇÃO

Este item engloba formações nas quais o item lexical apresenta ideia de transformação ou alteração na estrutura em relação à base da palavra. A palavra transformação assume uma semântica bastante forte, é entendida pelos dicionários, no geral, como algo que converte, muda, transfigura, muda de forma.

A formação *desfigurados* denota algo que deformou e alterou, no caso específico, rostos e corpos; por isso, trata-se de uma transformação que marca uma

certa agressividade na sentença (1). Não foi um ato que somente machucou devido à intensidade; por assim se tratar de um *desfiguramento*, ocorreu uma transformação considerável e violenta.

(1) *Alguns com três pernas, com rostos e corpos desfigurados, com membros desproporcionais etc., para a diversão própria e de seus convivas.*
Observatório da Imprensa 08/01/2008

(2) *É desintegrar a matéria no buraco negro da existência.*
Observatório da Imprensa 10/06/2008

Pode-se observar no recorte (2), o verbo *desintegrar* denota um processo químico e físico, uma dissolução e, portanto, uma transformação. No contexto em que aparece há o reforço dessa acepção, pois ocorre o processo de “desintegrar a matéria”, uma forma de transformação química e física.

Assim, essa acepção não apresentou grandes sinais de produtividade na língua, a julgar pelos dados coletados.

3.7. FALTA DE HARMONIA

O último grupo apontado expressa a idéia de falta de harmonia ou instabilidade. Pelos dados coletados, o grupo apresenta algumas formações importantes. Neste grupo, não se encontraram formações verbais, conforme mostra a tabela abaixo:

No trecho (1), há o vocábulo *desequilíbrio* que, levando-se em conta sua base, fornece a ideia de estado de repouso, de proporção devida e estabilidade. Tendo se acrescido o *des-*, imprime-se à palavra a ideia geral de falta de harmonia.

*(1) Na retaguarda, nas equipes técnicas e de produção, também se repete o **desequilíbrio** observado na tela.*

Observatório da Imprensa 17/12/2007

Em (2), o item lexical *desproporção* contribui para o estabelecimento da categoria semântica de falta de harmonia, pois em seu sentido guarda o conceito de falta de proporção, de irregularidade, desconformidade.

*(2) A **desproporção** entre conteúdo e publicidade verifica-se também em outros veículos de comunicação de massa.*

Observatório da Imprensa 04/12/2007

Finalmente, em (3), a palavra *descontrole* significa desgoverno, falta de comando.

*(3) O DVD intitulado Tropa de Elite 3, que se acha há muito tempo nas ruas do Rio, poderia ser noticiado apenas como sintoma de dois fatos sociais maiores, para os quais só agora o poder público parece estar acordando: (1) o agravamento da violência urbana pela progressiva falta de controle sobre o tráfico de drogas e os assaltos; (2) a transformação desse **descontrole** em espetáculo.*

Observatório da Imprensa 15/01/2008

Em todos os exemplos percebe-se o caráter de falta de harmonia. Embora seja uma categoria negativa, ela enfatiza, além da negatividade, outro viés semântico que se pode remeter. Desse modo, é importante ressaltar a importância do surgimento dos significados assumidos pela junção do prefixo, pois o vocábulo assume um teor semântico movido pela junção do elemento prefixal adicionado à base.

Conforme ressalta Camara Jr. (1971, p.45) a significação de um vocábulo não é necessariamente a soma exata de seus constituintes, pois do todo resulta uma significação geral, que não se decompõe nas significações particulares dos elementos que o constituem. Portanto, essa importante afirmação demonstra que o prefixo *des-* juntamente com a base da palavra consegue gerar determinados

significados de uma forma bastante produtiva, uma vez que, muitas vezes, são pequenas as fronteiras de delimitação entre uma categoria semântica e outra. São a partir desses detalhes sutis que propomos essa acepção. Alguns estudiosos poderiam dizer que essa categoria se aplica à primeira acepção apresentada: negatividade. Mas preferiu-se atribuir e mencionar outra categoria, pois é nítido um teor semântico mais particularizado do que somente o teor negativo.

3.8 PRESENÇA DE NEOLOGISMOS

No corpus de análise foram encontradas algumas formações neológicas⁸, fator esse que demonstra que o *des-* ainda se mantém produtivo no atual estágio do português brasileiro; citam-se as seguintes construções:

(1) *Mas convém fazê-lo sem perder a compostura e, sobretudo, sem desligar o **desconfiômetro**.*

Observatório da Imprensa 08/08/2008

(2) *Nosso jornalismo **desbundou**.*

Observatório da Imprensa 22/01/2008

Nesse item se mencionam apenas os neologismos encontrados, a fim de que se possa perceber que o prefixo *des-* continua sendo solicitado pelos falantes e, por esse fato, continua sendo produtivo em nossa língua, uma vez que para Bauer (1992), a produtividade consiste na criação de neologismos.

3.9 RESUMO

Ao estudar o prefixo *des-*, pôde-se tecer algumas considerações importantes:

⁸ Entendeu-se aqui que formações neológicas são formas que ainda não estão listadas em dicionários mais recentes.

- 1º) O morfema em análise não se adjunge a qualquer base, formando um vocábulo anômalo;
- 2º) O teor semântico do prefixo sempre tem alguma relação com a base da palavra;
- 3º) Embora o contexto de ocorrência por excelência do prefixo seja a base da palavra, sempre é possível depreender o significado mais preciso da palavra se considerado o ambiente de ocorrência da palavra prefixada;
- 4º) Esse trabalho deu conta de algumas acepções semânticas do morfema pesquisado; no entanto, são visíveis as flutuações de significados que decorrem em relação ao ambiente de ocorrência. Este fato não pode ser ignorado;
- 5º) Pôde-se observar que o *des-* se coliga tanto a formas verbais quanto nominais (substantivo e adjetivo);
- 6º) É perceptível a produtividade lexical do morfema analisado, pois sua produtividade se dá tanto quantitativamente quanto pode ser vista a partir de suas múltiplas facetas semânticas. Também aparecem algumas formações neológicas que assinalam que o prefixo *des-* continua sendo solicitado pelos falantes da Língua Portuguesa.

Dentre essas considerações pôde-se depreender a importância do morfema tanto nas questões de polissemia quanto de produtividade lexical suscitadas pelo elemento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou os diferentes teores semânticos do prefixo *des-*, pautado na relação entre produtividade lexical e polissemia. O prefixo *des-* revelou uma produtividade lexical considerável em relação aos diferentes teores semânticos apresentados. A partir do estudo das diferenças entre derivação e composição, procurou-se responder às difíceis delimitações que nortearam este estudo.

No primeiro capítulo, discutiu-se a distinção entre os dois principais mecanismos de formação de palavras na Língua Portuguesa: a composição e a derivação. Procurou-se responder às questões: 1ª) a prefixação é um caso de derivação ou composição? e 2ª) quais as características de cada um desses processos de formação de palavras vistos a partir de diferentes perspectivas: gramatical e linguística?

Os resultados do estudo da distinção entre os processos de formação de palavras apresentados revelaram que a derivação e a composição possuem características distintas e, por isso, são mecanismos distintos de formação de palavras.

Sondaram-se também no capítulo I estudos referentes ao morfema *des-*. Percebeu-se que a maioria das pesquisas não considerou o ambiente de ocorrência do prefixo, ou seja, a palavra prefixada foi analisada de maneira descontextualizada, extraída isoladamente de dicionários e isso suscitou uma necessidade de entender o prefixo *des-* inter-relacionado com outras palavras, uma vez que ocorrem diferentes interpretações semânticas dependendo do contexto em que se encontra a palavra prefixada.

No segundo capítulo, discutiram-se os conceitos de polissemia e homonímia relacionados à questão da produtividade lexical. Cada uma dessas diferentes ambiguidades lexicais possui características próprias. No que tange à polissemia, pôde-se dizer que são os diferentes sentidos atribuídos às palavras ou até mesmo aos morfemas e que tem a finalidade principal de não sobrecarregar a memória do falante.

No capítulo III apontam-se os resultados desta pesquisa que possibilitam uma subclassificação em sete grupos de acepções semânticas para o prefixo *des-* quando adicionado tanto a bases substantivas, adjetivas e verbais. São elas:

→ (1) negatividade: considera-se negativo aquilo que imprime perda, dano ou desvantagem. São exemplos desta acepção as seguintes palavras: *desinformação, desonesto, desconhecem, despessoalização, desmatamento, desnutrição, desesperança, deseducar, descontextualizada*;

→ (2) positividade: neste trabalho, considera-se positivo aquilo que implica em lucro, vantagem e ganho. Esta acepção, como todas as outras, necessita do ambiente de ocorrência para dar o sentido preciso da palavra prefixada. São exemplos desse grupo: *desobrigado, descobrimento, descensem, desintoxicação, destemido, desabou*;

→ (3) ação contrária: indica uma ação transeunte ou imanente àquela expressa pela base da palavra. São exemplos dessa acepção: *desocupação, desembolsar, desmontada, desarmar, desaparecer, desligam, desfabricamos*;

→ (4) aumento/intensidade: ocorre um engrandecimento de algo ou alguma coisa. Citam-se as palavras: *desgastados, desdobrado, desnudou, desgraça, desgaste, despedaçado*;

→ (5) separação/afastamento: esta acepção é entendida a partir de elementos de forma física ou abstrata, uma vez que os constituintes podem ser dessas duas formas mencionadas. São exemplos as seguintes palavras: *deslocando, desatrelada, desfibrada*;

→ (6) transformação: apresenta ideia de transformação ou alteração na estrutura em relação à base da palavra. Citam-se as palavras: *desfigurado, desintegrar* e

→ (7) falta de harmonia: além de apresentar um teor de perda, possui uma peculiaridade no que se refere à instabilidade: *desequilíbrio, descontrole, desproporcionais*. Essas acepções certamente não esgotam a possibilidade de outras análises, mas são importantes na visualização das acepções existentes do prefixo *des-* no atual estágio da língua portuguesa. É fundamental considerar que além de negar o *des-*, é capaz de comportar várias outras acepções que normalmente não estão listadas de forma sistematizada na grande maioria das Gramáticas Tradicionais. No entanto, esse sentido não se dá isoladamente pelo prefixo: há uma série de outros fatores que contribuem para o estabelecimento final do sentido, tais como:

PREFIXO + BASE + CONTEXTO DE OCORRÊNCIA

Nesta análise, optou-se por considerar estes três eixos a fim de que se pudesse estabelecer o sentido mais exato possível do elemento. Presume-se que cada palavra carrega consigo um sentido próprio; no entanto, muitas vezes o contexto de ocorrência pode influenciar de forma que esse sentido mude.

Não se desconsidera que o teor negativo é sem dúvida nenhuma o predominante; entretanto, há outras variáveis semânticas importantes atribuídas ao prefixo *des-* e que possibilitam uma produtividade lexical considerável do ponto de vista semântico.

Desse modo, o objetivo principal do presente trabalho foi demonstrar os diversos teores semânticos assumidos pelo prefixo *des-* levando-se em conta o ambiente de ocorrência, ou seja, o teor semântico foi apreendido a partir não só do prefixo adjungido à base, mas também se capturaram esses sentidos a partir da “irradiação” dos elementos presentes nos recortes analisados, pois investigando-se isoladamente a palavra há uma certa limitação na própria captura do sentido da palavra prefixada pelo morfema *des-*.

Observou-se que a função primordial do prefixo *des-* consiste em provocar uma alteração semântica à base da palavra. O prefixo não se adjunge a qualquer palavra, formando um vocábulo anômalo e incoerente: ele se combina com palavras compatíveis e que necessitam surgir na língua, pois conforme assevera Aronoff (1976, p. 43) ao propor o fenômeno de **bloqueio** que resulta da interação entre morfologia com o léxico: por mais produtiva que uma regra seja, não se aplicará a uma base se já existe uma palavra para aquela função. Esse fenômeno na linguagem revela-se fascinante e mostra como o falante consegue de maneira tão simples manipular esse mecanismo linguístico tão complexo.

Este trabalho não pôde contemplar alguns aspectos, aqui apenas apontados, mas que poderão ser averiguados em outras pesquisas linguísticas futuras. Alguns deles são:

Conforme apontou Alves (2002, p. 93) na *Gramática do Português Falado*, volume II, “O prefixo *des-* une-se a bases substantivas, adjetivas e, sobretudo,

verbais”. Desse modo surge o questionamento em relação a diferenças de ocorrência do prefixo *des-* na língua falada e na língua escrita relacionado diretamente à classe gramatical a que se adjunge. Assim, há alguma diferença tratando-se de língua escrita e falada para a ocorrência do prefixo em relação à classe gramatical?

Outro aspecto importante é o caso de alomorfia pelo qual o *des-* poderia passar em algumas palavras. É o caso da palavra *degeio*. Haveria, para isso, a necessidade de se recorrer ao aspecto diacrônico da língua para entender até que ponto esse fenômeno linguístico pode ser constatado.

Os prefixos, por terem uma carga semântica predeterminada, selecionam a base à qual se unem. De acordo com Basilio (1998, p.34) recorreremos ao mecanismo de prefixação quando queremos formar outra palavra semanticamente relacionada com a palavra-base. É esse fenômeno que ocorre em todas as acepções sistematizadas nessa pesquisa.

Dessa forma, pode-se ressaltar que os processos de formação de palavras, em especial, o uso do morfema *des-*, mostram-se regulares e sistemáticos.

Outro fator importante que nos chamou atenção é em relação às Gramáticas Tradicionais pesquisadas. Apesar de elas reconhecerem diversas acepções, não mencionam a questão da multiplicidade de sentidos do elemento morfológico.

A presente dissertação espera trazer contribuições para uma melhor descrição dos valores semânticos do prefixo *des-*, muito embora o material pudesse ter sido mais exaustivo (mesclar também padrões da língua falada, por exemplo). Entretanto, o que de novo ela buscou demonstrar foi a sistematização dessas acepções semânticas partindo-se do ambiente de ocorrência, o que, muitas vezes ofereceu vários riscos para a definição do teor semântico, uma vez que a palavra

isolada, embora tenha uma força semântica própria, deixou-se influenciar pelo contexto em que está situada.

Assim, pode-se afirmar que o prefixo *des-* é altamente produtivo ao se levar em conta os processos polissêmicos que o envolvem, pois se podem capturar diversas acepções semânticas relacionadas ao morfema pesquisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso de, LADEIRA, João Damasceno Martins & SILVA, Marco Antonio Roxo da. *Media Creticism no Brasil: o Observatório da Imprensa*. IN Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. P.166-189, vol. XXV, n.2 julho/dezembro de 2002. Disponível em <

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/3598/3392>.>

Acesso em 04 de janeiro de 2009.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. *Prefixos negativos no português falado*. In ILARI, Rodolfo (org.). Gramática do Português Falado. - 4ª ed. rev. vol. II – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 91-100.

_____. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. Tese de livre-docência. São Paulo: FFLCH-USP, 2000.

ANDRADE, Fernando Gil Coutinho de. *Polissemia e produtividade nas construções lexicais: um estudo do prefixo re- no português contemporâneo*. Orientadora: Margarida Basilio. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006.

ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1976.

BASILIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. A morfologia no Brasil: Indicadores e Questões. DELTA. Vol. 15, n. especial, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em: 06 de junho de 2007.

_____. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português. ABRALIN. Jul/dez, 2007, Número 2. Disponível em <http://abralin.org/revista/RV6N2/01_margarida_basilio.pdf. Acesso em 26 de dezembro de 2008 às 21h26'.

BAUER, Laurie. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.

BIDARRA, Jorge. *O Léxico no Processamento da Linguagem Natural*. Cascavel: Edunioeste, 2004.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: EDUC, 1992.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Linguística*. Porto Alegre: Globo, 1974.

CAMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. -2ª ed-. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Problemas de Linguística Descritiva*. -19ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1971.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: Noções Básicas e Exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, 2005.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. – 4ª. ed.- Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DUBOIS, J. *et alli.* . *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GOMES, C.P. *Tendências da Semântica Linguística*. Ijuí: Unijuí, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. -2ª ed.-. São Paulo: Ática, 1993.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 1336 p.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. *Semântica I*. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

MAIA, João Domingues. *Gramática: Teoria e Exercícios*. – 4 a ed.- São Paulo: Ática, 1994.

OLIVEIRA, Solange Mendes. *Derivação Prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro*. Orientadora: Maria Cristina Figueiredo Silva. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, Departamento de Letras, 2004.

PERINI, Mario. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 2005.

PILOTO, Maria Carolina *et al.* *Prefixo des-: uma proposta de sistematização*. Cesumar – agos-dez. 2002, vol. 04, n.2, pg 89-94. Disponível em www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/iccesumar/article/view/56/21.

Acessado em 27 de abril de 2008 às 10h.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. – 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1984.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SOUZA, Mariana Pereira. *Formações X-ário no português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Mimeo. <http://www.lettas.ufrj.br/posverna/mestrado/SouzaMP.pdf>

TAMBA-MÈCZ, Irène. *A Semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

ULLMANN, Stephen. *Semântica – uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ANEXO I – TEORES SEMÂNTICOS DO PREFIXO *DES-*

1. Negatividade

É até óbvio que a violência seja menor que a redução da **desigualdade** social, mas isto não é suficiente e deixa de fora fenômenos como o tráfico de drogas. *Observatório da Imprensa 30/10/2007*

Ainda não é conhecida a reação dos grandes jornalões (La Nacion e Clarin) à nova provocação dos Kirchner – que, aliás, jamais se esconderam de seu **desapreço** pela imprensa. *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

Ela é discreta e recatada enfermeira Alzira, que, casada com um **desempregado** crônico, faz bicos noturnos como dançarina erótica numa boate de streap-tease, para aumentar a renda familiar. *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

Alicerçado no discurso de “respeito à legislação local”, isso significa não somente fazer vista grossa aos abusos repressivos do governo local – mas sobretudo ser escandalosamente colaboracionista com os **desmandos** da política chinesa. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

O custo financeiro de uma **desvalorização** dos papéis na bolsa é alto para uma empresa como a Yahoo!, mas pode ser recuperado no curto ou médio prazo, dependendo dos rumores do mercado capital. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Quatro décadas depois, o **descontentamento** em relação à situação do campo permanecia presente. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Mas é dever da imprensa filtrar e ponderar as manifestações dos **descontentes**. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

O Executivo também não ajuda a esclarecer. Não apenas pela aparente dificuldade – ou **desinteresse** – do ministro da Fazenda em falar o português de todos, em vez do economês, mas também pela já folclórica inabilidade do atual governo no trato com a opinião pública. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Para citar estudo recente, a pesquisadora Gisele Levy (UERJ) divulgou um resultado preocupante, que reflete a realidade de muitas cidades brasileiras: cerca de 70% dos professores de cinco escolas públicas em Niterói sofrem da chamada síndrome de Burnout, que se traduz em exaustão emocional, **despersonalização** e falta de realização. *Observatório da Imprensa 17/12/2007*

Ao contrário, a líder incontestável de audiência mantém no ar, durante o chamado horário nobre, um telejornal que divulga as notícias com o mesmo **descompromisso** com que um funcionário do rei afixaria uma notícia de aumento de impostos do lado de fora do castelo e voltaria andando para o interior dos altos muros, rodeados de guardas, impune e em silêncio. *Observatório da Imprensa 01/01/2008*

"A censura pode resultar em rumores e **desinformação** nas ruas. *Observatório da Imprensa 01/01/2008*

Contudo, talvez não haja razão para pânico, já que o Brasil reduziu em 60% o **desmatamento** nos últimos três anos, o que equivale a meio bilhão de toneladas de CO₂, ou 14% de tudo que teria que ser reduzido pelos países "desenvolvidos" até 2012. *Observatório da Imprensa 01/01/2008*

É um **despropósito** e uma agressão ao direito social à comunicação. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

"O Ministério concedeu mais 90 dias de prazo apenas para possibilitar efetivamente a adequação técnica das emissoras, mas não vamos permitir **desrespeito** ao Estatuto da Criança e do Adolescente", ressaltou o secretário Nacional de Justiça, Romeu Tuma Júnior. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Não que isso seja um **desprestígio**. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

No último Mundial, no único grande duelo entre as duas ginastas, a brasileira ficou em **desvantagem**, já que seus saltos tinham notas de partida de 16,500 e 15,600, enquanto os da chinesas alcançavam 16,500. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

De modo que, quando apareceu, de repente, um órgão de governo fazendo perguntas e pedindo documentos para renovar concessões, obviamente isso causou **desconforto** e preocupação. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

A imprensa cobriu quase tudo: a adoção de um bebê por um casal estável de homossexuais, unidos há mais de seis anos; o bom tratamento que o bebê recebe, passando da quase **desnutrição**, quando foi adotado, até hoje, quando atingiu o peso normal para a idade; a intervenção das autoridades, retirando o bebê do casal que o adotara, sob a alegação de que os dois rapazes, por seu homossexualismo (e um deles é travesti), "não são normais". *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

Duas tragédias parecidas fazem aniversário: o **desabamento** do edifício Palace 2, aquele de Sérgio Naya, em que morreram oito pessoas, completa dez anos dentro de um mês; e a cratera do metrô de São Paulo, em que morreram sete pessoas, fez um ano na semana passada. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

"O **desencanto** com as representações políticas dominadas pelos homens, o fato dos eleitores acreditarem que, em política, as mulheres são mais honestas do que os homens (48% dos 1.000 entrevistados acreditam nisso) e, finalmente – talvez o dado mais importante –, as eleições de 2008 são para cargos considerados menos importantes: vereadores e prefeitos." *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

Dessa vez, a cena transmitiu **desaponto** no rosto presidencial. *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

Por outras razões, Kucinski deixaria o Planalto em junho de 2006, um ano e meio depois dos **desentendimentos** com Bucci. *Observatório da Imprensa 07/04/2008*

Em julho de 2005, Kucinski enviou a Gilberto Carvalho, assessor de Lula, uma carta para manifestar seu **desagrado** com a "postura editorial equivocada" da Agência Brasil e mostrar como deveria ocorrer a edição. *Observatório da Imprensa 07/04/2008*

Sua chance de ouro aparece quando, num lugarejo ali perto, um jovem fica preso dentro de uma caverna, com as pernas soterradas por um **desmoronamento**. *Observatório da Imprensa 22/04/2008*

E, ainda, o **desgoverno** põe a TVPT gastando mais verbas públicas que poderiam ser carreadas para o atendimento aos pacientes com câncer.... *Observatório da Imprensa 22/04/2008*

Renato Lessa afirmou que a construção do local de discussão de temas que dizem respeito a todos tem apresentado, ao longo dos anos, características de **despolitização**. *Observatório da Imprensa 29/04/2008*

Se tomarmos o anúncio da Associação Brasileira de Agências de Publicidade sobre cervejas e abridores de garrafa – um negócio de mais de 1 bilhão de reais/ano – como referência, passaremos a ver todos os anúncios veiculados na mídia brasileira com **desconfiança**. *Observatório da Imprensa 29/04/2008*

O ponto de convergência apresentado pelos palestrantes foi o **desconhecimento** dos jornalistas em relação ao tema meio ambiente. Para José Alberto Pereira Sheik, assessor de imprensa da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, o jornalista precisa se informar mais, pesquisar sobre a pauta antes de se lançar na entrevista com a fonte. *Observatório da Imprensa 05/05/2008*

O espetáculo proporcionado pela mídia teve o mesmo **destempero** dispensado pelo infeliz professor para reagir contra um mau resultado dos testes de seus alunos. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

Para alguém como eu, egresso das fileiras do sionismo socialista, ainda é um choque ver como amplos setores da esquerda tentam disfarçar seu anti-semitismo com uma retórica anti-sionista,

repudiando o sionismo como um legítimo movimento de libertação nacional, apesar dos seus **descaminhos** na questão palestina, algo plenamente debatido na vibrante e democrática sociedade israelense. *Observatório da Imprensa 21/05/2008*

Diante de um Legislativo resignado com a sua **desmoralização** e de um Executivo empenhado apenas em legitimar-se através de sondagens de opinião pública, nossa Suprema Corte mantém-se no cenário institucional como um bastião moral. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

Celso de Mello concluiu o voto afirmando que, após esse julgamento, que ele classificou de "efetivamente histórico", "milhões de pessoas não estarão mais condenadas à **desesperança**". *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

A inovação no jornalismo não está nos aparelhinhos, para **desconsolo** de tantos e quantos. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

Enquanto a estatal Infraero, nem sempre conduzida por profissionais do ramo, dispõe de um poder excessivo, a ANAC levou quase quatro anos para sair do papel – só foi formalizada recentemente e dá mostras evidentes do seu **despreparo** para enfrentar a catástrofe anunciada. *Observatório da Imprensa 06/06/2008*

"Inicialmente essa matéria estaria bloqueada porque várias empresas de radiodifusão temiam que com a entrada das teles pudesse haver uma **desnacionalização** do conteúdo audiovisual brasileiro", contou o deputado, explicando depois que optou por entrar na regulamentação do audiovisual exatamente para sanar essa preocupação dos radiodifusores. *Observatório da Imprensa 06/06/2008*

Milhares de pessoas ainda sofrem as conseqüências do **desemprego** e das dívidas trabalhistas da empresa. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

Numa sociedade extremamente **desigual** e cada vez mais preocupada com o bem-estar em escala privada, os jornais colocam foco sobre o interesse público. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

A corrupção, as mazelas sociais e a **desonestidade** são perseguidas com louvável determinação por jornais, tevês e rádios. O fato de os israelenses terem sido informados do que o ex-presidente Moshe Katsav [que renunciou após ser acusado de estupro] fez ou deixou de fazer com suas secretárias prova que a mídia *desempenha* o papel de cão de guarda, mesmo sob risco de causar constrangimento nacional e internacional. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

Esse "**descuido**", revelado pela jornalista israelense Orly Vilnai-Federbush, só mostra o quanto não sabemos sobre aquilo que julgamos saber. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

Eles estavam ligados às ações da organização Shindô-Renmei, uma tentativa desesperada de preservar o espírito nipônico e a veneração ao imperador japonês em terras estrangeiras, em criar uma pátria para **despatriados**. *Observatório da Imprensa 30/06/2008*

O primeiro aprimora a democracia; o segundo concorre tanto para a **descrença** nas instituições quanto para a difusão da apatia e, na contrapartida, para a revolta bárbara. *Observatório da Imprensa 12/07/2008*

Nunca, em tão curto tempo, cometeram-se tantos **desatinos** como neste caso. *Observatório da Imprensa 15/07/2008*

Se um inquérito policial atinge quem não deve atingir, e a imprensa não filtra essa informação, pode lançar o **descrédito** em todo o inquérito e contribuir para a impunidade dos que devem efetivamente ser punidos. *Observatório da Imprensa 28/07/2008*

Em seu artigo, Venício Lima dá um expressivo exemplo de deficiência dessa auto-regulamentação e de **descumprimento** da lei. *Observatório da Imprensa 11/08/2008*

Em Coari, no Amazonas, Juruti e Parauapebas, no Pará, empresas cujos relatórios de sustentabilidade brilham de tantas ações generosas são apontadas como responsáveis pela **desagregação** social e por um dos mais graves casos de exploração sexual de crianças e adolescentes que a imprensa já registrou no país. *Observatório da Imprensa 08/09/2008*

Ignorar o e-mail de um colega de trabalho equivale a ignorá-lo, o que é no mínimo uma **descortesia**. *Revista Língua Portuguesa, n. 33, p. 43*

Em janeiro de 2007, o antecessor de Cristina caiu em cima dos jornais que previam um resultado **desfavorável** à Argentina na corte internacional de Haia (onde se julgava a disputa com o Uruguai por causa da instalação da grande fábrica de celulose na região fronteiriça). *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

Um outro estudo etnográfico, mais recente, também realizado em uma cidade nordestina de pequeno porte, desta vez no Rio Grande do Norte, apresentou evidências de que grande parte da audiência da novela *O Rei do Gado*, especialmente as mulheres, não percebeu as referências do texto ficcional aos políticos “reais”, ou considerou monótonas e **desinteressantes** as discussões de temas políticos. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Se o jornalismo impresso com, pelo menos, quatro séculos de vivência, ainda não aprendeu a valorizar todo o seu potencial e suas vantagens competitivas, o jornalismo digital – teoricamente

imbatível – mostra-se totalmente **despreparado** (ou *desestimulado**, dá no mesmo) para substituir o veterano rival. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

“Um juiz dizia ser **desnecessária** a obrigatoriedade da formação superior para jornalistas já que estes não mexiam com vidas, como um médico. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

“É compreensível: em 1500 o herói foi o acaso, Pedro Álvares Cabral era um fidalgo **desconhecido** antes da viagem e assim continuou depois da façanha de chegar às nossas costas, a caminho da Índia”. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Renunciou ao cargo de presidente do Congresso, onde havia capitaneado um dos mais **descarados** ciclos desde o tempo do “é dando que se recebe”, que celebrizou o falecido deputado Roberto Cardoso Alves. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Uma coisa é certa: a proteção do meio ambiente começa na consciência individual e uma imprensa **desatenta** pode ser tão danosa quanto a teima do presidente George W. Bush em assinar os acordos internacionais. *Observatório da Imprensa 17/12/2007*

As estatísticas, os números – todos sabemos que estatística é como biquíni, parece mostrar tudo, mas esconde o essencial – não justificam que o articulista pergunte, ironicamente, se tantas pessoas optam pela carreira por serem masoquistas ou **desinformadas**. *Observatório da Imprensa 17/12/2007*

Para Gustavo Loschpe, muitos querem ser professores porque, no fundo, conhecem a verdade que a mídia oculta: o magistério não está tão **desvalorizado** assim, e não é trabalho tão trabalhoso. *Observatório da Imprensa 17/12/2007*

Fã ‘muitas vezes **desapontado**’ de ‘Guerra nas Estrelas’ e ‘Jornada nas Estrelas’, Rogers Ihes dedicou um capítulo inteiro. *Observatório da Imprensa 07/01/2008*

Nenhuma das objeções levantadas pelas emissoras é **descabida**. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Por que as emissoras escudaram-se no argumento **desonesto** da “censura”, quando tinham algo muito mais sólido – a conveniência do telespectador, a efetividade do investimento publicitário, a estabilidade do mercado televisivo – para defender as suas posições? *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

A cidadania pressupõe como condição que, do ponto de vista das relações sociais e políticas, os indivíduos sejam vistos como iguais, mesmo que sejam **desiguais** do ponto de vista econômico. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Seja como for, o transtorno da obediência à Portaria 1220, na questão dos fusos horários, não é **desprezível**. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Nesta cidade do Oeste do Paraná, as tradicionais arrancadas, paradas e gingadas do busão estão passando quase **despercebidas** por alguns entusiasmados telespectadores. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Os resultados animam a Record e a Band e são **desanimadores** para RedeTV!, Globo e SBT. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Com o fogo, o carcereiro seria obrigado a abrir a cela para controlar as chamadas e, assim que o fizesse, os oito detentos sairiam **desgovernados** e alucinados em direção à rua, que fica a menos de dois metros das grades. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

Como escreveu José Claudio Escribano no artigo "A identidade cultural de La Nación" (9/8/2007, em espanhol), nas páginas do jornal e nas tertúlias da Redação se podiam perceber "indícios de que às vezes só as leis da biologia venciam aqueles debatedores de argumentos robustos, vagamente irônicos e levemente **descrentes** da Argentina do século 19, mas também filhos dos que na primeira parte do século 20 conformariam uma civilização menos comprometida com as bondades do *fitness* e muito mais com os prazeres da conversação e da arte da polêmica". *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

A permanência numa posição de ilegalidade só se mostra **desvantajosa** quando aquele que a perpetra vem a ser alcançado pelos agentes da legalidade – o que traz, paradoxalmente, a condição de insegurança para quem vive na ilegalidade. *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

Ele representa um estereótipo abertamente negativo do estudante engajado, que é **desqualificado** como incoseqüente, intransigente e *desonesto*. *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

Se *Duas Caras* ataca a organização estudantil e apresenta como modelo de comportamento a obediência bovina, acrílica e **despolitizada** dos "bons alunos" da Universidade Pessoa de Moraes, o tratamento que dá à favela da Portelinha não é muito melhor. *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

Há professores **despreparados**? *Observatório da Imprensa 19/02/2008*

Andréia Albertine é uma pessoa, um ser humano que tem uma história e, como todas as travestis, sofre com estigmas sociais e tem sua cidadania **desrespeitada**. *Observatório da Imprensa 05/05/2008*

Quase todo o noticiário evolui como um *reality show* **desgovernado**. *Observatório da Imprensa* 05/05/2008

Na entrevista que concedeu a *El País* Yoani Sánchez diz que está surpresa com a repercussão mundial das suas "vinhetas **desencantadas**" sobre a realidade cubana. *Observatório da Imprensa* 05/05/2008

O raciocínio não é tão **descabido**. *Observatório da Imprensa* 15/05/2008

É verdade que as ofensas e disparates me incomodam e o IG faz o que pode para impedir a publicação de material com delírios **desinformativos**, ameaças pessoais, profanidades e calúnias de baixa calão. *Observatório da Imprensa* 21/05/2008

Vale lembrar que recebo críticas que merecem ponderações e respostas, assim como e-mails chocantes em que os palestinos são **desumanizados**. Há até elogios. *Observatório da Imprensa* 21/05/2008

No último domingo (19/5), uma parte dos assinantes dos dois jornalões paulistanos recebeu o seu exemplar duplamente **descaracterizado**. *Observatório da Imprensa* 21/05/2008

Longa é a lista das lições de casa que a imprensa brasileira não faz como deveria - embora mande a honestidade reconhecer que já foi maior, mesmo no passado recente, o seu rol de deveres **descumpridos** - por exemplo, ao tratar com dois pesos e duas medidas os malfeitos das patotas políticas do governo e da oposição. *Observatório da Imprensa* 06/06/2008

O grande terremoto que atingiu a província chinesa de Sichuan no dia 12/5, matando mais de 80 mil pessoas e deixando mais de cinco milhões **desabrigadas**, pode ser considerado um evento histórico para o jornalismo no país. *Observatório da Imprensa* 06/06/2008

Seu editor, Timothy J. McNulty, queixou-se, não sem razão, de que os canais de comentário começavam a parecer "uma comunidade de extremistas **destemperados**". *Observatório da Imprensa* 10/06/2008

A democracia tem sido **desvirtuada** nas sociedades capitalistas contemporâneas a partir dos processos midiáticos. *Observatório da Imprensa* 30/06/2008

Os grandes grupos midiáticos americanos estão **desnorteados** – como aliás o país inteiro – e ainda não fizeram as contas nem avaliariam o rombo produzido pela bolha hipotecária que não conseguiram abortar há cerca de dois anos. *Observatório da Imprensa* 28/09/2008

Referia-se à necessidade de um amplo debate sobre o atual sistema de concessões de radiodifusão, reconhecidamente **desatualizado**, precário e injusto. *Observatório da Imprensa 02/10/2008*

Achou a publicação **deselegante** e sentenciou: "Não se faz isso com uma senhora". *Observatório da Imprensa 02/10/2008*

Isso ocorreu um pouco pelos temas aos quais ele é **desafeiçoado**, um pouco pelos personagens das entrevistas ("esse não é santo de minha devoção", costumava dizer, quando não simpatizava com o tipo). *Observatório da Imprensa 02/10/2008*

E somente os meus defeitos foram demonstrados de forma **descontextualizada**. *Observatório da Imprensa 23/10/2008*

Desconfio desses apaixonados pelas lutas de boxe. *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

Que provavelmente **desconhece** a realidade concreta do professor, e por isso se apega aos números "frios", longe do cotidiano escolar. *Observatório da Imprensa 17/12/2007*

Esta medida corrige uma flagrante aberração existente no regulamento anterior, que **desconsiderava** o fato do país ter quatro fusos horários e de que uma boa parte da massa telespectadora assiste a programação gerada do Rio de Janeiro e de São Paulo com uma ou duas horas de antecedência, que chegam a duas ou três no horário de verão. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Falar em obscurantismo, em regressão aos tempos da censura do regime militar, como as emissoras vêm fazendo para **desqualificar** a Portaria 1220, não é apenas impróprio. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Estas injeções de entusiasmo fazem parte de uma cruzada mundial envolvendo jornais e revistas em favor do otimismo; recessão é um fenômeno com diferentes origens, sendo que a psicológica não é para **desprezar**. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

"O grande benefício [da nova lei] é parar de **deseducar** as nossas crianças. *Observatório da Imprensa 07/04/2008*

Neste ambiente, não **desmerecendo** a qualidade legislativa brasileira, a corrida pela aprovação de tal norma pode ser veementemente combatida diante das inúmeras alternativas existentes (como aumento da tributação, conscientização, maior fiscalização etc., a exemplo da Medida Provisória n. 415, sobre comércio de bebidas nas estradas federais) que poderiam amenizar ou mesmo evitar o que tem sido declarado por muitos como um sério risco à liberdade de expressão, constitucionalmente prevista. *Observatório da Imprensa 14/04/2008*

Nossa imprensa (e nossa sociedade) aceitou a tese de que, já que o governo se propõe a mudar a lei, **desrespeitá-la** não chega a ser grave. *Observatório da Imprensa 29/04/2008*

Por fim, o *lapso do inconsciente*: as camadas que recobrem o que nos é intolerável – e o que nos é intolerável não é outra coisa que não a expressão de nossa própria intolerância – surge falhada, esgarçada, **desfeita** pelo imenso hiato entre o instante que o jornal foi editado e o momento em que ele chegou ao seu destinatário improvável – eu. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

Este duopólio agora é quase um cartel e a imprensa continua quieta, sem coragem para **desagradar** dois grandes anunciantes. *Observatório da Imprensa 06/06/2008*

Ali se pode **desmatar** impunemente, pois não há como multar os proprietários. *Observatório da Imprensa 06/06/2008*

Era a primeira surpresa, **desmoralizando** o "esquema militar" do "general do povo", um deles, promovidos bionicamente por João Goulart. Argemiro Assis Brasil garantia proteção absoluta ao presidente populista com a fantasia da intocabilidade. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

Tudo isso **desmoronou** a partir do movimento de tropas de Minas por um figurante secundário no enredo, o general Olímpio Mourão Filho, autodenominado "vaca fardada". *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

O problema é que, quando a imprensa se **descuidar**, sairá a nova regulamentação do setor, tornando legal aquilo que era ilegal. *Observatório da Imprensa 12/07/2008*

Bobagens como essa denunciam a má-vontade geral, principalmente se se considerar que muitos outros representantes dos poderes da República, parlamentares e presidentes de empresas importantes costumam **destroncar** o vernáculo, sem que os jornalistas se disponham a usar contra eles a mesma dose de ironia. *Observatório da Imprensa 04/10/2008*

2. POSITIVIDADE

O ataque à mídia (los medios) não é concentrado, mas está presente em diversos momentos, tanto que a entrevistada, muito charmosa, pede **desculpas** aos repórteres ("desculpem se estou monotemática"). *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

A decisão é do **desembargador** federal Edgard Lippmann Jr., que na sentença impôs multa de R\$ 50.000,00 a cada promoção pessoal ou agressão proferida por Requião. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Os editores perguntam 'como você está?' naquele tom que se usa com um amigo que acaba de sair de uma **desintoxicação** ou um divórcio". *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

Gabriel Priolli avaliou que a imprensa "trata muito mal" a questão da **descriminalização** do usuário de drogas porque estaria presa a preconceitos profundos que existem na sociedade em relação a esse tema. *Observatório da Imprensa 09/10/2008*

Ao procurar informação sobre a publicação da nomeação no *Diário Oficial* da União do reitor pró-tempore da Unifesp detectei um erro **descomunal**. *Observatório da Imprensa 08/09/2008*

Naturalmente, nas críticas ao ex-presidente foram usados dois pesos e duas medidas, pois do presidente Lula tudo se perdoa nessas questões, como se ele fosse o único brasileiro **desobrigado** de se submeter à norma culta, podendo falar como puder ou quiser. *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

É curiosidade mórbida, revolta, horror à violência? Ou é a espetacularização da dor, acionada por uma mídia sensacionalista? Acontece que, na mesma pesquisa, quase 72% dos entrevistados consideraram a cobertura da mídia adequada e competente. Apenas 24% **desaprovam**. Significa que a sondagem está errada nesta questão? *Observatório da Imprensa 29/04/2008*

Pode ser verdade; mas o policiamento das fronteiras e a prisão de alguns contrabandistas e seus revendedores **desestimularão** o contrabando. *Observatório da Imprensa 29/04/2008*

O bom governo exigia uma boa comunicação e, com base num axioma tão simples, **desabou** a rigorosa censura construída a partir do estabelecimento da Santa Inquisição no Império português, em 1536: 272 anos de silêncio e ignorância. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

3. AÇÃO CONTRÁRIA

A análise do ministro da Justiça sobre a cobertura na **desocupação** da Reserva Raposa/ Serra do Sol é equivocada. *Observatório da Imprensa 14/04/2008*

O assunto é nosso – nos porões de uma das naus que trouxe a Corte, a *Medusa*, veio uma prensa **desmontada** e, graças a isso, chegamos à era Gutenberg. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Pode-se mostrar Paris em 1941, sob ocupação nazista, como se fosse uma cidade **descontraída**, uma Paris de cartão postal, com elegantes nas corridas de cavalo de Auteuil e o cotidiano normal de

bairros chiques como o Champs Elysées ou populares como o mercado Les Halles? *Observatório da Imprensa 29/01/2008*

Atendendo a requerimento do presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, o Conselho de Representantes da Fenaj aprovou, no dia 29 de março, a indicação do diretor da Fenaj e coordenador do FNDC, Celso Schröder, e do professor Murilo César Ramos, da UnB, para compor o Conselho de Comunicação Social, órgão auxiliar ao Senado que esteve **desativado** em 2007. *Observatório da Imprensa 07/04/2008*

Se tiverem custos de produção, além dos custos de veiculação, a equação ficará pesada e **desmotivará** o apoio cultural que desejam dar às emissoras públicas. *Observatório da Imprensa 30/10/2007*

Segundo ela, a imprensa inventa e depois exige que se **desminta** o que inventou. *Observatório da Imprensa 27/11/2007*

Mas os preços desse conversor na faixa de 500 reais, no mínimo, significa que o consumidor terá de **desembolsar** quase o valor de dois televisores atuais de 16 polegadas para melhorar a sua recepção. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Na semana passada, o ministro das Comunicações, Hélio Costa, **desaconselhou** a compra imediata do conversor e disse que o preço deverá cair em até seis meses. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

“Curioso” é no mínimo a se dizer do editorial em que *O Globo* (30/11/2007) diz caber ao Brasil “sair de sua postura acanhada, reflexo de afinidades ideológicas em Brasília com aqueles líderes, para **desarmar** situações danosas à democracia, ao desenvolvimento e à paz no Continente”. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Agora, os cientistas chegaram à conclusão de que a calota inteira deverá **desaparecer** ainda no verão de 2012, ou seja, em meros quatro anos e meio. *Observatório da Imprensa 01/01/2008*

Mas é certo que crianças de até 10 anos, no Oiapoque ou no Chuí, em Rio Branco ou em João Pessoa, não **desligam** o televisor às 20 horas. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Nestas condições, o jornalismo de verão voltado para abobrinhas e banalidades terá que ser **desativado**. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Tenho fundado receio de que o observador sistemático da grande mídia – sobretudo impressa – corre o sério risco de **desconectar-se**, ele próprio, do Brasil real. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

Quantos milionários **desfabricamos** nesta crise? *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

O que acontece nas salas de aula das faculdades de comunicação afeta a situação das redações, pois é nelas que **desembocam** as contradições do ensino superior. *Observatório da Imprensa 14/04/2008*

Naquele tempo, **desconvidar** por antecipação uma pretendente negra talvez fosse mais respeitoso do que rejeitá-la pelo mesmo motivo no instante em que ela se apresentasse. Não posso mais dialogar com eles. O tempo no qual eles existiram se **desfez**. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

O comboio já **desatracara** da estação, divisava o mineiro Milton Nascimento, ainda então o Bituca. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

No primeiro, Dirceu discorda de Bucci, que defendia o fim da obrigatoriedade da Voz do Brasil, e **desabafa**: "Já não basta a Radiobrás e sua `objetividade`, que na maioria das vezes significa um misto de ingenuidade e na prática mais uma emissora de `oposição`?" *Observatório da Imprensa 25/04/2008*

Por fim, o *lapso do inconsciente*: as camadas que recobrem o que nos é intolerável – e o que nos é intolerável não é outra coisa que não a expressão de nossa própria intolerância – surge falhada, esgarçada, **desfeita** pelo imenso hiato entre o instante que o jornal foi editado e o momento em que ele chegou ao seu destinatário improvável – eu. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

O comércio se amplia e os navegadores portugueses e espanhóis **desvendam** um Novo Mundo. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

Desfiz as dobras com movimentos delicados para não estragá-lo ainda mais. *Observatório da Imprensa 15/05/2008*

Ruas foram fechadas, delegacias de polícia transferiram o atendimento para outras unidades. Para garantir o show, a audiência, a vendagem e o dinheiro, criaram-se, aqui e ali, cidadãos de segunda classe; e, onde quer que fosse, pela televisão, milhões de incautos que **desaprenderam** pelo mau exemplo da mídia e pelo **desvario (?)** de muitos dos seus concidadãos. *Observatório da Imprensa 21/05/2008*

Tenho a esperança, talvez vã, de que as próprias barbaridades, insanidades e patologias contribuam para **desmascarar** o anti-semitismo. *Observatório da Imprensa 21/05/2008*

Nova York promete **desbancar** Londres em vinte ou trinta anos como a cidade mais populosa do mundo. Aproximadamente um milhão de imigrantes **desembarcou** na América no ano passado, no maior fluxo humano da era moderna. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

Desembaraçam escritos retorcidos. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

O divertimento virou um modo de produção e foi por aí, por essa indústria do imaterial, que as vias da acumulação se **destravaram**. *Observatório da Imprensa 30/06/2008*

De fato, até onde é possível fazê-lo sob a pressão do fechamento, o trabalho de um editor de texto – é ainda Downes quem observa –, é **desacelerar**, repensar as coisas, fazer as contas e formular perguntas irritantes. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

Tampouco esta haverá de ser a última, considerando o **desenrolar** intrincado da vida brasileira. *Observatório da Imprensa 12/07/2008*

Há jornalistas xingando uns aos outros, acusando-se, brigando; um disse que o outro, que publicou em primeira mão o depoimento, quer **desconstruir** a imagem do delegado Protógenes Queiroz – o que prendeu Daniel Dantas na Operação Satiagraha. *Observatório da Imprensa 03/09/2008*

Com o chefe do Executivo praticando o seu esporte preferido nos palanques eleitorais e o chefe do Legislativo evaporado porque simplesmente não temos algo que se pareça com um Legislativo, a atuação competente, soberana e, sobretudo, confiável da instância máxima do Judiciário faz dela um alvo preferencial para os interessados em **desmontar** a sua credibilidade. *Observatório da Imprensa 03/09/2008*

Eu me **desvencilhei** e tentei reagir, mas ele era muito grande, não tinha como lutar então, com a outra mão, peguei a arma e efetuei um disparo no chão e me **desvencilhei** da agressão, porque mesmo assim, depois do disparo, ele continuava, não se conteve. *Observatório da Imprensa 02/10/2008*

Nem a filosofia nem a religião conseguiram **descontaminar** a diversidade e o dissenso, ao contrário, só acirraram a exaltação e a intolerância. *Observatório da Imprensa 16/10/2008*

4. AUMENTO/INTENSIDADE

Para o gerente de Jornalismo da TV Brasil em São Paulo, Florestan Fernandes Jr., a imprensa tentou ser mais cuidadosa no caso Isabella Nardoni, mas houve **deslizes**. *Observatório da Imprensa 14/04/2008*

De sua parte, a multidão não foi atraída pelo suspense de saber se uma pobre alma soterrada sobreviverá ou não, mas, movida pela fome aparentemente sagrada de justiça, grita para apressar o **desfecho** da novela. *Observatório da Imprensa 22/04/2008*

Ou a "tigrada", segundo a fraseologia de Delfim Neto, um mestre da prestidigitação, ainda fazendo graça (à custa da **desgraça** alheia, *of course*) aos 80 anos, recém-comemorados. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

Um resultado inesperado para aqueles que, desde 2006, não se conformam com um fenômeno inédito: uma **desgaste** político, já consolidado no imaginário do eleitorado urbano, não se *desdobrou** em derrota eleitoral. *Observatório da Imprensa 30/06/2008*

Não era só uma questão de classe: as circunstâncias, os **desdobramentos** e as implicações do fato praticamente impunham o destaque. *Observatório da Imprensa 15/07/2008*

“Espero que a TV Pública não busque se identificar com o modelo de TV comercial, aprisionada pelos anunciantes, pelos padrões já consagrados e pela busca **desenfreada** pela qualidade técnica. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

As medidas tributárias anunciadas quarta-feira (2) pelo governo ainda estão sendo digeridas pela imprensa, mas claramente se percebe quais setores ficaram mais **desgastados** com o aumento de tributos. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Gradativamente o modelo passou a ser tocado por mãos menos habilidosas e seus principais vícios acabaram exacerbados ano a ano: agressividade **desmedida**, desqualificação, uso abusivo de dossiês suspeitos, matérias ficcionais. *Observatório da Imprensa 05/02/2008*

Desvirtuando sua finalidade, os jornais extrapolam suas funções de quarto poder e assumiram, de maneira **deslavada**, um papel ativo no desenvolvimento da política, uma performance decisiva no jogo do poder. *Observatório da Imprensa 19/02/2008*

Ao contrário do que ocorreu há pouco mais de um ano, quando o menino João Hélio foi **despedaçado** pelas ruas do Rio, Isabella passou a ser mero pretexto para despertar o espírito detetivesco, tanto dos mediadores como dos mediados. *Observatório da Imprensa 14/04/2008*

No meio da semana, pós-São João, **desponta** nas telas, um tempão nos telejornais, nas manchetes do dia seguinte. *Observatório da Imprensa 12/07/2008*

Se Glória Maria cai do *Fantástico* porque o programa **despencou** para 21%, a culpa obviamente não é da apresentadora, nem de qualquer outra pessoa que esteja construindo a atração. *Observatório da Imprensa 08/08/2008*

Mais tarde, foi substituído pelo espanhol *zaguero*, depois adaptado para o português *zagueiro*, **desdobrado** em quarto-zagueiro e zagueiro-central. *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

5. SEPARAÇÃO/AFASTAMENTO

Um exemplo desse "**descolamento**" são os resultados de uma pesquisa mundial sobre liberdade de imprensa divulgada no início de dezembro. *Observatório da Imprensa 01/01/2008*

Não é possível mais conceber a TV ou qualquer outra produção de mídia **desatrelada** da educação e da promoção da cultura. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

A tecnologia – a técnica alçada à condição de discurso que fala por si mesmo, já **desgarrado** de qualquer controle humano ou humanista – é a mais nova encarnação desse mito. Ela vive de promover revoluções sucessivas, de desmanchar tudo o que é sólido, e não apenas isso. Agora, o que é virtual também se desmancha – no sólido. Que por sua vez *desmorona** de novo. *Observatório da Imprensa 25/05/2008*

O presidente, por exemplo, disse que 'logo será possível assistir televisão caminhando na rua, sentado num banco de praça ou se **deslocando** para o trabalho'. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Sem dúvida, é o "kit PSDB" que está operando, com especial eficiência, numa Assembléia Legislativa **desfibrada** por longos anos de governismo. *Observatório da Imprensa 06/06/2008*

6. TRANSFORMAÇÃO

Alguns com três pernas, com rostos e corpos **desfigurados**, com membros desproporcionais etc., para a diversão própria e de seus convivas. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

É uma análise das vicissitudes da Bolívia como país: desintegração social, **desintegração** territorial. *Observatório da Imprensa 22/09/2008*

É **desintegrar** a matéria no buraco negro da existência. *Observatório da Imprensa 10/06/2008*

7. FALTA DE HARMONIA

A **desproporção** entre conteúdo e publicidade verifica-se também em outros veículos de comunicação de massa. *Observatório da Imprensa 04/12/2007*

Na retaguarda, nas equipes técnicas e de produção, também se repete o **desequilíbrio** observado na tela. *Observatório da Imprensa 17/12/2007*

O vídeo, repetimos, já era velho conhecido de aficionados do tema e o atraso da notícia importa apenas como sintoma de um **descompasso** entre as redações dos jornais e a vida concreta da cidade. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

O DVD intitulado *Tropa de Elite 3*, que se acha há muito tempo nas ruas do Rio, poderia ser noticiado apenas como sintoma de dois fatos sociais maiores, para os quais só agora o poder público parece estar acordando: (1) o agravamento da violência urbana pela progressiva falta de controle sobre o tráfico de drogas e os assaltos; (2) a transformação desse **descontrole** em espetáculo. *Observatório da Imprensa 15/01/2008*

Numa, a ordem, na outra uma aparente **desordem**, onde se combinam a necessidade de conviver e interagir com a vontade de criar. *Observatório da Imprensa 14/04/2008*

Se a intenção era mostrar que o governo não forçou o delegado Protógenes Queiroz a se afastar da Operação Satiagraha, o resultado foi oposto: a reunião durou três horas, a Polícia Federal só divulgou quatro minutos, **descontínuos**, que não provam coisa alguma. *Observatório da Imprensa 15/07/2008*

Alguns com três pernas, com rostos e corpos *desconfigurados**, com membros **desproporcionais** etc., para a diversão própria e de seus convivas. *Observatório da Imprensa 08/01/2008*

Um desses casos se refere a um "diabético **descompensado**", conforme alertava o dr. Talvane de Moraes, numa das edições do programa *Sem Censura* (TV Brasil), exibido na semana passada. *Observatório da Imprensa 12/07/2008*

NEOLOGISMOS

Mas convém fazê-lo sem perder a compostura e, sobretudo, sem desligar o **desconfiômetro**. *Observatório da Imprensa 08/08/2008*

Nosso jornalismo **desbundou**. *Observatório da Imprensa 22/01/2008*

Havia, portanto, muito a fazer: modernizar a linguagem, **deseditorializar** a edição, abordar temas contemporâneos, incentivar um pouco mais o contraditório, dar espaço a opiniões divergentes, ao pluralismo (o sonho inconfesso de alguns acionistas era repetir a postura da *Folha de S.Paulo*, achando que aí residia o segredo de seu rumoroso sucesso de marketing e sua escalada até a liderança de circulação). *Observatório da Imprensa 02/10/2008*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)